

REVISTA

MIGRANTE





Prefeito

Ricardo Nunes

Secretário da Educação

Fernando Padula Novaes

Diretora Regional

Luci Batista Costa Soares de Miranda

Diretora de DIPED

Renata Livia Soares

Editores

Fernanda Lamesa e Douglas Maris

Créditos da foto da Capa:

Naide Ribeiro da Penha Melo

Grupo de Trabalho Povos Migrantes

Alessandra Patrícia de Souza Alves

Ana Paula Souza Mendes

Carlos Eduardo Fernandes Junior

Douglas Maris Antunes Coelho

Fabiana Bezerra Nogueira

Fernanda Lamesa

Gabriela Rauseo Garcia

José Roberto Almeida Tersi

Maria Fernanda Alves Martins

Marli Alves Ozorio

Naide Ribeiro da Penha Melo

Karen Cristina Sobral Bock

Katia Miranda Soares

Patrícia Gonçalves Silva

Regiane Braz do Santos Costa

Rosangela Ambrozio

Soraia Rocha

Suzana Angélica Loyola Café

Vanda Luiza dos Santos Montenegro



PALAVRAS DOS EDITORES

Esta revista foi concebida pela equipe do Grupo de Trabalho - Povos Migrantes (GT), da Diretoria Regional de Educação da Penha, que se reuniu ao longo de todo o ano de 2024. O Material reúne uma seleção de relatos sobre práticas pedagógicas voltadas para o acolhimento dos (as) estudantes migrantes, com o objetivo de promover a construção de aprendizagens por meio de abordagens inclusivas e sensíveis à diversidade cultural.

O conteúdo foi cuidadosamente elaborado pela equipe do GT, resultando em um material de imenso valor, que reflete a riqueza e a sensibilidade necessárias para atender às demandas de nosso território e de nossa rede municipal de Educação. Esperamos que este trabalho seja proveitoso e enriquecedor para todos os leitores.

É importante destacar que a revista só adquire plena relevância quando articulada às Orientações Pedagógicas dos Povos Migrantes, um documento fundamental da rede que aborda questões centrais no debate sobre migração, essencial para a construção de práticas educacionais mais inclusivas na rede municipal de educação de São Paulo.

Fernanda Lamesa e Douglas Maris



AUTORES (AS) E INTEGRANTES DO GT - POVOS MIGRANTES



Ana Paula Souza Mendes

Professora de Arte da EMEF Guilherme de Almeida



Carlos Eduardo Fernandes Junior

Coordenador Pedagógico da EMEF Espaço de Bitita



Débora Miam Teixeira

Professora da Educação Infantil da EMEI João Mendonça Falcão



Douglas Maris Antunes Coelho

Professor e formador de História e do Núcleo de Educação Étnico-Racial da DRE Penha.



Fernanda Lamesa

Professora e formadora de Geografia e do Núcleo Étnico Racial e do núcleo de Gênero e Diversidade da DRE Penha



Gabriela Rauseo Garcia

Coordenadora Pedagógica da EMEF Espaço de Bitita



José Roberto Almeida Tersi

Auxiliar Técnico de Educação da EMEI José Rubens Peres Fernandes



Karen Cristina Sobral Bock
Diretora da EMEI Cásper Líbero



Katia Miranda Soares
Professora da EMEI Cásper Líbero



Marli Alves Ozorio
Coordenadora Pedagógica da EMEI Cásper Líbero



Maria Fernanda Alves Martins
Professora de Geografia do CEU EMEF Antonio Carlos Rocha



Monica Laratta
Professora e POA de Alfabetização da EMEF Espaço de Bitita



Naide Ribeiro da Penha Melo
Professora do CEU EMEI Paulo Freire



Patrícia de Souza Alves
Coordenadora Pedagógica do CEU EMEF Antonio Carlos Rocha



Patrícia Gonçalves Silva
Professora do CEU EMEI Paulo Freire



Regiane Braz do Santos Costa

Professora da EMEI João Mendonça Falcão



Rosangela Ambrozio

Coordenadora Pedagógica da EMEI José Rubens Peres Fernandes



Soraia Rocha

Coordenadora Pedagógica da EMEI Alfredo da Rocha Viana Filho -
Pixinguinha



Suzana Angélica Loyola Café

Coordenadora Pedagógica da EMEI Nenê do Amanhã



Vanda Luiza dos Santos Montenegro

Coordenadora Pedagógica da EMEI Professora Dinah Galvão

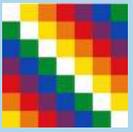


Yasmin de Cássia Rodrigues

Professora da Educação Infantil da EMEI João Mendonça Falcão



CONSTITUCIÓN POLÍTICA DEL ESTADO PLURINACIONAL BOLIVIANO (2009)



Wiphala

PREÂMBULO

En tiempos inmemoriales se erigieron montañas, se desplazaron ríos, se formaron lagos. Nuestra amazonia, nuestro chaco, nuestro altiplano y nuestros llanos y valles se cubrieron de verdes y flores. Poblamos esta sagrada Madre Tierra con rostros diferentes, y comprendimos desde entonces la pluralidad vigente de todas las cosas y nuestra diversidad como seres y culturas. Así conformamos nuestros pueblos, y jamás comprendimos el racismo hasta que lo sufrimos desde los funestos tiempos de la colonia.

El pueblo boliviano, de composición plural, desde la profundidad de la historia, inspirado en las luchas del pasado, en la sublevación indígena anticolonial, en la independencia, en las luchas populares de liberación, en las marchas indígenas, sociales y sindicales, en las guerras del agua y de octubre, en las luchas por la tierra y territorio, y con la memoria de nuestros mártires, construimos un nuevo Estado.

Un Estado basado en el respeto e igualdad entre todos, con principios de soberanía, dignidad, complementariedad, solidaridad, armonía y equidad en la distribución y redistribución del producto social, donde predomine la búsqueda del vivir bien; con respeto a la pluralidad económica, social, jurídica, política y cultural de los habitantes de esta tierra; en convivencia colectiva con acceso al agua, trabajo, educación, salud y vivienda para todos.

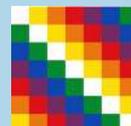
Dejamos en el pasado el Estado colonial, republicano y neoliberal. Asumimos el reto histórico de construir colectivamente el Estado Unitario Social de Derecho Plurinacional Comunitario, que integra y articula los propósitos de avanzar hacia una Bolivia democrática, productiva, portadora e inspiradora de la paz, comprometida con el desarrollo integral y con la libre determinación de los pueblos.

Nosotros, mujeres y hombres, a través de la Asamblea Constituyente y con el poder originario del pueblo, manifestamos nuestro compromiso con la unidad e integridad del país.

Cumpliendo el mandato de nuestros pueblos, con la fortaleza de nuestra Pachamama y gracias a Dios, refundamos Bolivia.

Honor y gloria a los mártires de la gesta constituyente y liberadora, que han hecho posible esta nueva historia.

CONSTITUIÇÃO DO ESTADO PLURINACIONAL DA BOLÍVIA DE 2009



Wiphala

PREÂMBULO

Nos tempos antigos, as montanhas surgiram, os rios se moveram e os lagos foram formados. Nossa Amazônia, nossos pântanos, nossos planaltos e nossas planícies e vales estavam cobertos de vegetação e flores. Povoamos esta sagrada Mãe Terra com diferentes faces, e desde então compreendemos a pluralidade que existe em todas as coisas e em nossa diversidade como seres humanos e culturas. Assim, nossos povos foram formados, e nunca conhecemos o racismo até que fomos submetidos a ele durante os terríveis tempos do colonialismo.

Nós, povo boliviano, de composição plural, das profundezas da história, inspirados nas lutas do passado, pela revolta indígena anticolonial, e na independência, pelas lutas populares de libertação, pelos indígenas, sociais e trabalhistas as marchas, pela água e pelas guerras de outubro, pelas lutas pela terra e pelo território, constroem um novo Estado em memória dos nossos mártires.

Um Estado baseado no respeito e na igualdade de todos, em princípios de soberania, dignidade, interdependência, solidariedade, harmonia e equidade na distribuição e redistribuição da riqueza social, onde predomine a busca do bem viver; baseado no respeito ao pluralismo econômico, social, jurídico, político e cultural dos habitantes desta terra; e na convivência coletiva com acesso à água, trabalho, educação, saúde e moradia para todos.

Saímos do Estado colonial, republicano e neoliberal no passado. Assumimos o desafio histórico de construir coletivamente um Estado Social Unificado de Direito Comunitário Plurinacional, que inclua e articule o objetivo de avançar rumo a uma Bolívia democrática, produtiva, pacífica e comprometida com o pleno desenvolvimento e livre determinação dos povos.

Nós mulheres e homens, através da Assembleia Constituinte (Asamblea Constituyente) e com poder proveniente do povo, demonstramos nosso compromisso com a unidade e integridade do país.

Reencontramos a Bolívia, cumprindo o mandato de nosso povo, com a força de nossa Pachamama e com gratidão a Deus.

Honra e glória aos mártires do heroico esforço constituinte e libertador, que tornaram possível esta nova história.

SUMÁRIO

- 08 **Diretora Regional de Educação da Penha**
Luci Batista Costa Soares de Miranda
- 09 **Diretora da Divisão Pedagógica da DRE-Penha**
Renata Lívia Soares
- 10 **O Núcleo Étnico Racial na Diretoria Regional de Educação da Penha**
- 14 **Solo un poquito, es bastante**
EMEI José Rubens Peres Fernandes
José Roberto Almeida Tersi
- 16 **Somos una especie en viaje**
EMEF CEU Antônio Carlos
Alessandra Patrícia de Souza Alves
- 19 **Somos todos migrantes**
EMEI Casper Líbero
Marli Alves Ozorio
Karen Cristina Sobral Bock
- 23 **O processo de alfabetização dos (as) estudantes migrantes**
EMEF Espaço de Bitita
Monica Laratta Vasconcelos
- 40 **Povos migrantes, valorizando a diversidade cultural**
EMEI Dinah Galvão
Vanda Luiza dos Santos Montenegro
- 45 **Migração, educação infantil e o processo de escuta**
EMEI Paulo Freire
Naide Ribeiro
- 50 **Acolhimento de estudantes migrantes: desenvolvimento da linguagem oral com artes e jogos de mesa**
Ana Paula Souza Mendes
EMEF Guilherme de Almeida
- 54 **Acolher para aprender**
EMEI Pixinguinha
Soraia Rocha
- 57 **Principia – A Teia do Amor, Respeito, Solidariedade e Diversidade**
EMEI João Mendonça Falcão
Débora Miam e Yasmin Rodrigues
- 60 **Anexos**

LUCI BATISTA COSTA SOARES DE MIRANDA

Diretora Regional de Educação da DRE- Penha

Algumas palavras...



Luci Batista Costa Soares de Miranda
Diretora Regional - PE

A Diretoria Regional de Educação da Penha tem a honra e o desafio de atender atualmente 3580 estudantes migrantes.

Honra porque recebemos bebês, crianças, jovens, adultos e suas famílias vindos da Bolívia, Venezuela, Paquistão, Índia, Síria, Afeganistão, Angola e muitos outros países, o que demonstra o quanto nosso país, e em especial, a Cidade de São Paulo é acolhedora e pode contribuir com o recomeço e com a reconstrução da vida de tantas pessoas. Temos a possibilidade de oferecer esperança, afeto e oportunidades para aqueles que vem fugindo de guerras, de situações de desamparo e desalento. São dificuldades das mais diversas que os fizeram procurar um novo lar, uma nova cidade e uma nova escola.

Desafio porque ainda estamos aprendendo a lidar com as diferenças e com a diversidade cultural. Neste sentido, as situações que poderiam se caracterizar como barreira e impeditivo para que a escola e suas equipes desenvolvam seu trabalho junto a estas crianças, estudantes e famílias, tais como a escrita, os hábitos e o idioma, a cultura de cada país, tem se transformado em fonte rica e poderosa das mais diferentes aprendizagens para todos.

“A Revista Migrante” é o produto final (momentâneo) do trabalho realizado por diferentes unidades escolares e profissionais da nossa região, que tem se dedicado para que o acolhimento e a inclusão aconteçam de fato, no cotidiano educacional.

Todos nós acreditamos que as unidades escolares são o lócus onde as relações respeitadas e empáticas podem assumir e incorporar a diversidade como forma de expansão dos conhecimentos gerando muitas e muitas aprendizagens.

Desejamos que a “Revista Migrante” seja fonte de inspiração e que outros documentos como este emerjam, fruto de discussões, reflexões e práticas de outros profissionais engajados.

Um Abraço

Luci Batista Costa Soares de Miranda



RENATA LÍVIA SOARES

Diretora da divisão pedagógica da Diretoria Regional de Educação da Penha (DRE - Penha)



Renata Livia Soares - Diretora da DIPED - PE

Prezadas leitoras! Prezados leitores!

Anunciar as experiências das nossas escolas no acolhimento, atendimento, e nas práticas pedagógicas com os bebês, crianças e estudantes migrantes é uma imensa responsabilidade. Aceito o desafio ciente de que o conteúdo desse material é, além de absolutamente relevante, qualificado, comprometido, amoroso e inspirador.

O objetivo dessa revista vai para além de registrar os encontros do GT Migrantes que a DIPED Penha realizou em 2024. É, sobretudo, abrir caminhos para essa discussão que se faz presente e urgente na rede municipal de ensino de São Paulo. Nesse sentido, trata-se de um trabalho pioneiro e construído sobre os saberes das escolas e seus educadores.

Eu acredito que cada educador é também um pesquisador de sua prática pedagógica e das políticas educacionais que o circunda. Porém, sinto que ficamos fechados em nós mesmos, quando não fazemos essas pesquisas circularem entre outros grupos de educadores. Então, a grande contribuição dessa revista é levar a outras DREs, outros cantos dessa cidade gigante, as contribuições da Penha, que é um território que, há alguns anos, vê crescer o número de famílias migrantes das mais diversas nacionalidades.

Parabenizo todas e todos os participantes do GT, e todos os educadores que encaram com seriedade o atendimento de estudantes migrantes e se mantêm abertos para o debate e o aprimoramento pedagógico. A DRE Penha tem muito a contribuir com proposições de políticas educacionais para migrantes, e essa revista é um importante primeiro passo.

Destaco a imensurável contribuição de todos os formadores da DIPED, mas em especial, ao Douglas Maris e Fernanda Lamesa, que conversaram longamente com várias escolas, visitaram espaços, abraçaram a proposta do GT, da revista, do seminário Étnico Racial e as demais aventuras que surgiram pelo caminho. É com muita qualidade técnica e humanística que eles “tocam” os debates sobre a população migrante e sonham com uma educação municipal inclusiva e de qualidade para todos.

Desejo vida longa a essa revista, e que GTs e debates se multipliquem em nossa rede. Parabéns, educadores da DRE Penha! Sigamos juntos!



O NÚCLEO ÉTNICO RACIAL NA DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DA PENHA



Fernanda Lamesa e Douglas Maris
responsáveis pelo NEER da DRE-PENHA

Os debates e ações da Secretaria Municipal de Educação (SME) em relação às proposições de políticas afirmativas no que se refere à questão da diversidade na escola pública tem uma historicidade própria na rede. No entanto, as publicações, em 2003 e 2008, das respectivas leis federais nº 10.639/03 e 11.645/2008, que incluíram no currículo oficial, tanto das unidades públicas como privadas, a obrigatoriedade do ensino da temática da "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena", são marcos fundamentais.

A partir da publicação das referidas leis federais, foi criado o Núcleo de Educação Étnico-Racial (NEER) na Secretaria Municipal de Educação (SME), com o objetivo de implementar as normas no âmbito municipal.

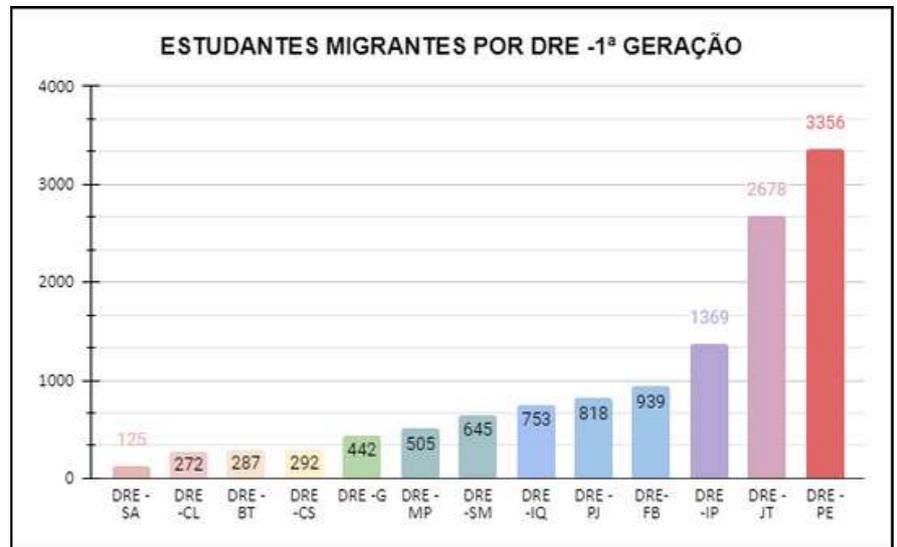
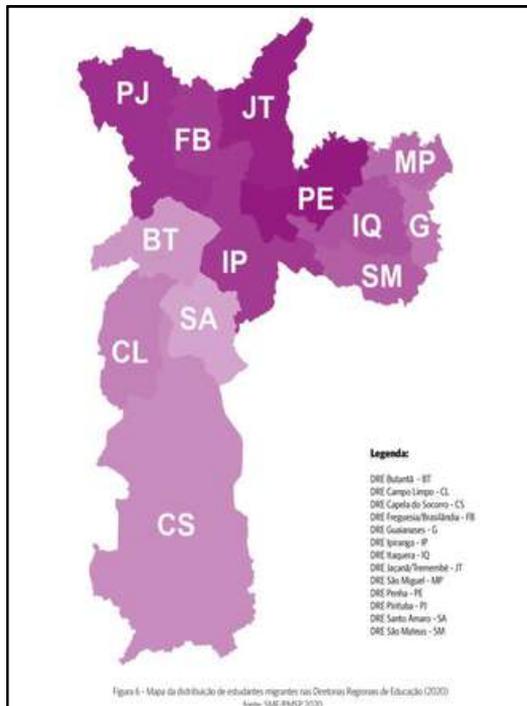
Outras duas leis desempenham um papel crucial nesse processo: a Lei Municipal nº 16.478/2016, que institui a Política Municipal para a População Imigrante, e, a partir de 2020, o Plano Municipal de Políticas para Imigrantes.

A criação do Núcleo na Secretaria foi seguida pela sua instalação nas treze Diretorias Regionais de Educação, incluindo a Diretoria Regional de Educação da Penha (DRE-Penha), à qual nós, Douglas Maris e Fernanda Lamesa, estamos vinculados. Esses núcleos, tanto na Secretaria quanto nas Diretorias Regionais, funcionam como centros de debate e promoção de formação sobre a diversidade que caracteriza a população brasileira e paulistana, abrangendo, além da cultura negra e indígena, também as questões migratórias. A proposta dos núcleos visa, portanto, promover a formação e ações afirmativas voltadas à construção de uma educação pública municipal inclusiva e diversa.

Uma das características do Núcleo é a sua rotatividade, marcada pela passagem de diferentes formadores ao longo dos anos. No caso da DRE-Penha, antes de nós, muitos profissionais passaram por aqui, trazendo ideias, propostas e ações das mais variadas. Ao assumirmos o Núcleo, em 2023, carregamos a responsabilidade de estar à frente de um projeto tão significativo, o que sempre nos gerou inquietação. Além disso, havia o fato de estarmos na DRE com o maior número de estudantes migrantes, o que torna nosso território singular. Atualmente (set/2024), contamos com cerca de 3.580 estudantes migrantes, provenientes de aproximadamente 60 nacionalidades, o que se traduz em um número ainda maior de línguas, ao considerarmos os diversos dialetos falados em uma mesma nação. Essa condição sempre nos motivou a buscar ações afirmativas voltadas para a acolhida e a promoção da aprendizagem para todos, independentemente da sua origem.

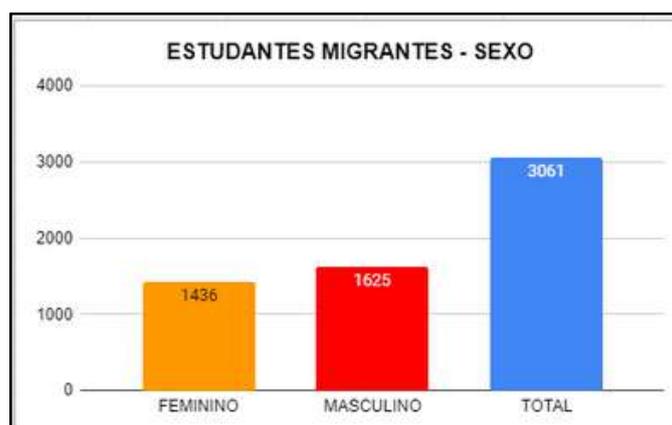
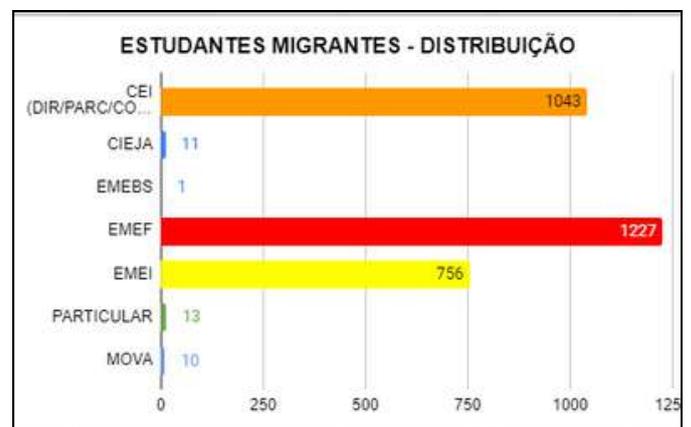
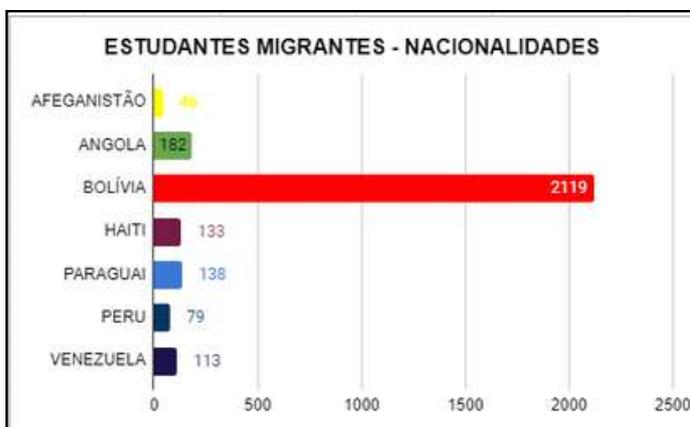
Cenário migratório na SME

Ano de referência: 2024



Cenário migratório na DRE- Penha

Em setembro de 2024 o território da DRE-Penha contabilizava o total de 3.580 estudantes migrantes de primeira geração



No entanto, considerando que somos um núcleo pequeno em um território extremamente vasto, com mais de 300 unidades entre CEIs (diretos e parceiros), EMEIs, EMEFs, EMEBS e CIEJA, os desafios são enormes. Sempre nos questionamos: como podemos construir ações afirmativas que sejam eficientes diante das condições que temos? A resposta foi, e sempre será, por meio da construção de parcerias e de um olhar de respeito e valorização das histórias e das práticas já consolidadas nas unidades da rede municipal. A partir dessa perspectiva, concebemos o Grupo de Trabalho dos Povos Migrantes (GT - Migrante), que, ao ser estruturado de forma horizontal, reuniu as unidades com o maior número de estudantes migrantes. O objetivo é, por meio da ação coletiva, debater e construir caminhos para uma educação inclusiva que veja os estudantes migrantes como potência, e não como problema.

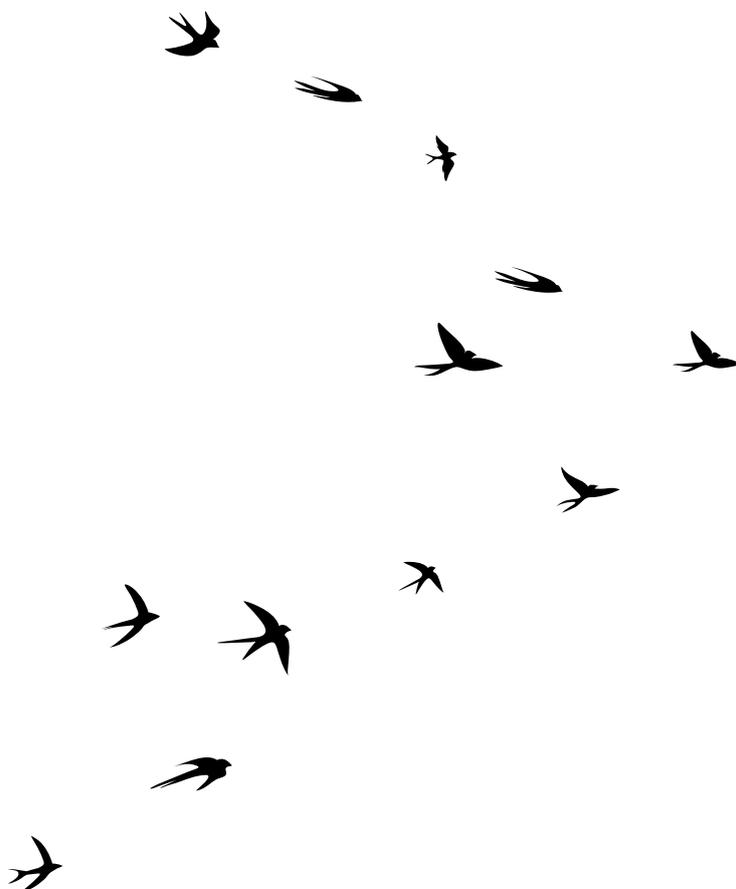
Foi a partir do GT Migrante, e em conversa com nossa Diretora Regional de Educação Luci Batista, que surgiu a ideia de criarmos uma revista capaz de sintetizar, em alguma medida, os debates realizados durante os encontros ao longo do ano de 2024, e as experiências exitosas desenvolvidas em nosso território pelas diferentes unidades que compõem nosso grupo, buscando construir textos que, vinculados às Orientações Curriculares Migrantes (2019), servissem de inspiração e apoio para os (as) docentes, gestores e supervisores da nossa DRE. E nos encontramos nesse ponto, com o lançamento da nossa Revista Migrante, que reúne diferentes relatos de práticas de acolhimento e promoção de aprendizagem do (as) estudantes migrantes, e uma crônica, sendo eles, em ordem de disposição na revista:

A crônica intitulada "Solo un poquito, es bastante", produzida pelo Auxiliar Técnico de Educação José Roberto Almeida Tersi, da EMEI José Rubens, abre a revista com um olhar literário e sensível, dentro de uma perspectiva de acolhimento; o relato da equipe gestora da EMEF CEU Antônio Carlos, intitulado "Somos una especie en viaje", apresentado pela Coordenadora Pedagógica Patrícia, descreve as ações da unidade, com destaque para o projeto "Essa Escola é uma viagem", desenvolvido com os estudantes dos 3º anos, que oferece bimestralmente uma simulação de viagem internacional aos alunos, sendo a última realizada para a Bolívia; o relato da EMEI Casper Líbero, intitulado "Somos todos Migrantes", propõe práticas de acolhimento e integração não só para os estudantes, mas também para todas as famílias da unidade, por meio de ações que abrem espaço para a participação da comunidade; o relato da Professora Monica, docente da EMEF Espaço de Bitita, intitulado "O processo de alfabetização dos (as) estudantes migrantes", é um rico e sensível texto que sintetiza anos de experiência da docente no ciclo interdisciplinar e nas práticas de integração e aquisição de uma nova língua pelos estudantes migrantes, a partir de uma perspectiva de acolhimento; o relato da EMEI Dinah Galvão, intitulado "Povos migrantes: valorizando a diversidade cultural", produzido pela Coordenadora Pedagógica Vanda, descreve a construção de um planejamento coletivo, que integra toda a comunidade escolar, e práticas de recepção e acolhimento das crianças que chegam à unidade, formando uma equipe comprometida com a educação pública e inclusiva; o relato da EMEI Paulo Freire, intitulado "Migração, Educação e o processo de escuta", redigido pela professora Nay, apresenta uma série de ações voltadas para a socialização e integração dos estudantes migrantes, com destaque para o intérprete mirim Diego, migrante boliviano, que, sendo bilíngue, ajuda os colegas que falam espanhol a se integrarem na unidade; O relato da Professora Ana Paula, da EMEF Guilherme de Almeida, intitulado "Acolhimento de estudantes migrantes: desenvolvimento da linguagem com artes e jogos de mesa", busca, por meio de "jogos de tabuleiro, jogos teatrais e práticas artísticas em linguagens diversificadas", desenvolver a comunicação em língua portuguesa, propiciar a aproximação com a cultura brasileira e fortalecer as relações de convívio, com acolhimento e valorização da diversidade do grupo, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades; o relato da Coordenadora pedagógica Soraia Rocha, da EMEI Alfredo da Rocha Viana Filho - Pixinguinha, em que descreve suas ações de acolhimento junto aos estudantes, a partir de uma reflexão do seu papel enquanto formadora na unidade educacional, que se transforma em ações junto a comunidade escolar; o relato das professoras Yasmin e Débora, que a partir da música Principia do Emicida, elaboram um lindo projeto com as crianças da unidade, buscando construir um ambiente saudável e cheio de carinhos, por meio da perspectiva da integração e inclusão de todos nos processos educativos da unidade; e por fim temos o anexo da revista como formulários sócio culturais e econômicos produzidos pela gestão da EMEF Espaço de Bitita, visando o mapeamento dos estudantes migrantes, assim como um documento intitulado Pontos principais do acolhimento dos (as) estudantes e crianças migrantes debatidos nos encontros do GT.

Todos somos migrantes e o processo migratório é constante. Ao sonhar com um mundo sem fronteiras, começamos sonhando por escolas que valorizem os saberes, as culturas e que não promovam mais uma vez o apagamento dessas histórias que aqui estão. Desejamos escolas que acolham, mas também que se transformem em ambientes de trocas culturais. Olhar a migração com um olhar de potência, de trocas e de aprendizagem é o que desejamos para as nossas unidades. Essa revista é também um convite às possibilidades, as que já existem e as que podem ser construídas e compartilhadas, perceber o quanto já foi e o quanto ainda pode ser feito coletivamente. Por isso, agradecemos aos educadores que se reuniram para debater e escrever, sendo assim inspiração para que outros criem, façam e compartilhem.

Neste percurso, é imprescindível expressar nosso agradecimento à Diretora Regional, Luci Batista, pelo inestimável apoio e pela constante preocupação com os diversos aspectos do debate Étnico-Racial em nosso território, com ênfase na questão migratória e na criação do Grupo de Trabalho, bem como pelo apoio contínuo às formações e ações necessárias realizadas pelo núcleo.

Por último, mas não menos importante, gostaríamos de destacar que nossa Diretora da Divisão Pedagógica da DRE Penha (DIPED-PENHA), Renata Lívia, foi fundamental para a construção dessa jornada, sempre acreditando e apoiando nossas propostas e ações, e criando as condições necessárias para que pudessem ser realizadas. Dessa forma, deixamos nossos sinceros agradecimentos a Renata e a Luci, que tornaram essa revista possível.



SOLO UN POQUITO, ES BASTANTE

EMEI José Rubens Peres Fernandes

José Roberto Almeida Tersi
Auxiliar Técnico de Educação



“Ser migrante é saber aquilo que deixou para trás e nunca o que vai encontrar na frente. É buscar um lugar onde sente o coração tranquilo e feliz; ser migrante é sempre seguir viagem. Querer passar, cruzar fronteiras, seguir caminho; ser migrante é suportar o peso do caminho o calor do sol... e a indiferença das autoridades.”

Joaninha Honório Madeira



Sabia que eu acabei de me mudar? Na verdade, minha família toda mudou de novo. Não fazia muito tempo que nós tínhamos começado a morar na nova casa e, agora, já estamos em outra. Mas dessa vez é diferente. Nós voamos de avião para chegar até aqui. Isso porque, meu pai falou que estamos muito longe da nossa antiga casa.

Até que a minha nova rua parece um pouco com a antiga. Os carros dos vizinhos não são muito diferentes dos que eu via antes. Agora, as pessoas são um pouco diferentes, sim. Algumas são mais claras. Mas também têm algumas da minha cor e outras mais escuras. O jeito de vestir das pessoas daqui, até que é parecido com o nosso, mas na hora de falar...

Têm algumas palavras soltas que eu entendo, pois significam a mesma coisa para nós. Outras o papai e a mamãe nos ensinaram. Acontece que eles também não sabem falar muito bem o idioma daqui. Todos estamos aprendendo juntos. Inclusive, meus irmãos e eu começamos a ir para a escolinha. O mais novo vai para uma escola diferente. Ele ainda não sabe falar. Se bem que, nem meu irmão, nem eu falamos muito bem a língua daqui. Muitas vezes, não entendemos o que nossos coleguinhas dizem. Outras vezes, nem o que a professora fala. E eles também não entendem o que falamos. Meu irmão fica nervoso por causa disso. Já eu, fico triste. Pois queria poder conversar melhor com todos.

Acho que foi por isso que, uma vez, a professora pediu que eu a ensinasse. Me mostrou umas imagens e eu falei como se fala na minha língua. Uns dias depois, eu vi as mesmas imagens penduradas no refeitório.

Algumas crianças perguntaram e, para minha surpresa, os tios responderam do jeito que eu falei. Eu ainda não sei ler, mas parece que estava escrito na minha língua também. Depois do almoço, minha professora pediu para que eu falasse algumas palavras e meu colegas repetiam, para aprenderem. E na hora do lanche, colocaram para tocar umas músicas no refeitório. A maioria não estava reconhecendo, mas eu sim. Eram músicas que eu escutava antes de me mudar.

Na turma do meu irmão, a professora enviou um bilhete de reunião escrito no nosso idioma. Achei que meus pais iam gostar, mas o papai falou que preferia ler na língua daqui, para aprender como se fala. Mas a mamãe e eu gostamos. Nos sentimos acolhidas.



Crianças da EMEI José Rubens

RELATO

“SOMOS UNA ESPECIE EN VIAJE”

EMEF CEU Antônio Carlos

Alessandra Patrícia de Souza Alves
Coordenadora Pedagógica



Sala de formação - CEU EMEF Antonio Carlos Rocha

“Nós geralmente caminhamos em busca de um objetivo, mas há também quem caminhe sem rumo. Alguns optam pelas trilhas menos percorridas. Outros, por atalhos. Há quem faça o caminho enquanto abre fronteiras em horizontes turvos e há quem prefira seguir uma trilha já desvendada e bem sinalizada. Caminhamos para pensar, para aprender, para entender, para respirar. Mas também, como foi o meu caso, para fugir.”

*Trecho de
O Caminho de Abraão [e-Livros]P
Jamil Chade.*



A migração é uma característica humana milenarmente experimentada por nós e nossos antepassados. Nas unidades educacionais essa experimentação aflora, nos surpreende com a rapidez do tempo e com as relações intrinsecamente humanas que desempenhamos neste espaço social.

É importante destacar que o processo migratório foi acelerado nos últimos anos e por conta dessa demanda, tornou-se urgente a discussão, reflexão e aprimoramento das práticas. Porém, o ambiente escolar já possui diversas demandas, como abordar e acolher mais essa? Quais conhecimentos que a escola possui sobre o tema? Qual a formação dos educadores? Quais conhecimentos devem ser abordados? Quem são esses migrantes e quais conhecimentos possuem? Quais barreiras precisamos enfrentar?

Diante do desafio de aprender com as diferenças e riquezas culturais migratórias, sendo elas presentes na rede municipal de São Paulo, e em especial na nossa região (Penha), nos demos conta de que pensar a educação migrante e acolhedora seria prioridade em nosso território escolar. Iniciamos pela formação dos educadores nos momentos coletivos, com o estudo e aprofundamento do currículo migrante que nos subsidiou para entender a temática e buscar práticas de acolhimento e desenvolvimento de ações.

Frente a isso, em nossa escola trabalhamos com tema gerador por bimestre e dentre eles o tema migração foi amplamente abordado e trabalhado por todas as áreas e componentes visando a ampliação do tema, discussão com os estudantes e diminuição dos preconceitos.

Outra ação importante, foi o convite de dois migrantes (Antonio – boliviano e Ajax – haitiano) para uma conversa com nossos estudantes e grupo de professores no horário coletivo. A conversa com os estudantes ocorreu juntamente com o leituraço, momento em que a escola toda realiza leitura simultânea de livros com temáticas étnico raciais, e foram ações produtivas e com muita participação os estudantes e equipe escolar.

Ainda, foi criado um painel com as fotos dos nossos alunos migrantes e organizados na entrada da unidade escolar. A proposta foi pensada para valorizar os alunos, criar pertencimento ao território e ser apreciada pelos ocupantes da escola e entorno do CEU. Além da sinalização dos espaços escolares com placas informativas em algumas línguas.

Ainda, em 2024 iniciamos um projeto com as turmas dos 3ºs anos (90 alunos). A proposta tem o nome “Essa escola é uma viagem” e propõe bimestralmente uma viagem internacional aos estudantes.



Clique e assista no instagram!

A ideia é que os alunos conheçam um país por continente. Iniciamos pela Europa e o país escolhido foi a Itália, seguido de Ásia sendo a China o país escolhido. E por último o continente americano o país escolhido foi a Bolívia que por sua vez é um país com muita representatividade na nossa escola e território, já que um número considerável de estudantes é migrante e/ou filhos de bolivianos.



Cartão de embarque produzido pela unidade

O projeto compreende desde os preços das viagens, escolha de assento e emissão dos bilhete, confecção de passaportes e detalhes da viagem. Ainda, durante todo o bimestre é desenvolvido ações interdisciplinares que abordam os saberes e conhecimentos do país escolhido; pontos turísticos, gastronomia, curiosidades e culturas.

No dia da viagem é simulado um embarque com direito a avião e todo comitiva de voo (piloto, co-piloto, sala vip, comissárias e comidinha), com término na imigração do país. Assim que desembarcam, os alunos conhecem os pontos turísticos, passam pela lojinha com direito á compras e foto com objetos e adereços do país visitado. Finalizam com restaurante com decoração e comida típica e original do país visitado. Ao final, recebem um cartão de crédito e realizam o pagamento da visita.

Realizamos a terceira viagem (Bolívia) recentemente e, fruto dessa ação, foi gravada pela TV Cultura e o link foi disponibilizado para as famílias e estudantes, bem como apresentado pra toda comunidade escolar.

Essa soma de ações reverbera uma escola que busca tentativas de acolher, respeitar e abranger as culturas advindas de outros países e os alunos migrantes da nossa unidade escolar e território. Por vezes a tarefa é árdua pois não há receitas prontas ou passo a passo. Porém, a busca de uma escola inacabada é persistente aqui.



“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado.” Paulo Freire



Vídeo produzido pela TV Cultura a respeito do nosso Projeto “Essa escola é uma viagem” - De 45,30 min. até 51,07 min.



[Instagram - @tiquatilab](https://www.instagram.com/@tiquatilab)



Endereço do Instagram da escola, não deixem de seguir!

RELATO

“SOMOS TODOS MIGRANTES”

EMEI Casper Líbero

“Apenas nos pusimos en dos pies
Comenzamos a migrar por la sabana
Siguiendo la manada de bisontes
Más allá del horizonte
A nuevas tierras, lejanas
Los niños a la espalda y expectantes
Los ojos en alerta, todo oídos
Olfateando aquel desconcertante paisaje nuevo,
desconocido.

(...)

Yo no soy de aquí, pero tú tampoco
Yo no soy de aquí, pero tú tampoco
De ningún lado del todo, y de todos lados un poco”

Letra de "Movimiento". Jorge Drexler



Marli Alves Ozorio
Coordenadora Pedagógica
Karen Cristina Sobral Bock
Diretora

Piquenique das famílias - EMEI Casper Líbero

A nossa escola tem 68 anos, foi inaugurada em 1956 como um Parque Infantil. A escola conta com 10.000 m² de área, a maior parte constituída de área verde, com mais de 200 árvores distribuídas em nosso enorme parque. O prédio é plano e conta com 6 salas de aula que recebem crianças em dois turnos de 6 horas, além do refeitório, sala de leitura e cozinha experimental. Consideramos que a escola é um oásis entre os bairros do Pari e Canindé, com muito verde e animais também.

A comunidade atendida é constituída por algumas famílias que moram há muitos anos em casas do bairro, famílias moradoras da comunidade conhecida como “Vila do Canindé” que fica na rua da escola, famílias que residem em equipamentos de moradia social no entorno (Casa de Apoio Maria Maria, Centro Temporário de Acolhida, Missão Scalabriniana, Projeto Autonomia em Foco, Vilas Reencontro Pari, Cruzeiro do Sul e Canindé) e também por muitas famílias migrantes recém-chegadas de outros estados e países.

A maioria destas famílias vem para trabalhar na confecção de roupas ou no comércio da região. É comum que muitas famílias morem em uma mesma casa antiga, algumas vezes moram e trabalham costurando no mesmo lugar. Temos em nossa escola 52% de famílias vindas de outros 18 países, a maior parte vem da Bolívia, mas temos também famílias de outros países latino-americanos, assim como africanos, europeus e asiáticos. Entre as línguas faladas temos o espanhol, o guarani, o quéchua, o francês, o árabe, o bengali, entre outras. Algumas famílias utilizam o inglês para comunicação adicional.

Ao longo dos anos temos aprendido muito com a diversidade na nossa unidade. Desde o acolhimento na secretaria, procuramos oferecer um atendimento de qualidade a todas as famílias: temos agora a expressão “Bem-vindo” em diversas línguas, em um quadro que também contém informações úteis para as famílias: endereços e telefones dos CRAS mais próximos assim como do CRAI, informações sobre material e uniforme, combate ao trabalho escravo e à violência doméstica, dentre outras. Alguns informativos estão disponíveis em outras línguas.



EMEI Casper Líbero

Temos uma professora que fala espanhol e algumas pessoas na equipe que falam inglês e são acionadas quando necessário. Nos casos mais complexos, como famílias falantes apenas de árabe, utilizamos o Google tradutor. Além do período de acolhimento no início do ano, combinamos com as famílias acolhimentos especiais para crianças que estão chegando. As crianças são levadas até a sala de referência pelos familiares nos primeiros dias e se necessário o adulto permanece um pouco e, em alguns casos, combinamos horários de adaptação, se houver disponibilidade da família.

No início do ano fizemos um levantamento das origens das famílias e das crianças, através de questionário socioeconômico e fichas de matrícula, para constar no PPP e embasar o trabalho das professoras com as turmas. No ano de 2024, a composição da nossa comunidade se encontra da seguinte maneira:



NACIONALIDADE DOS PAIS	PORCENTAGEM
BOLÍVIA	28%
BRASIL	47%
EQUADOR	4%
PARAGUAI	9%
PERU	5%
ARGENTINA E VENEZUELA	1%
PAÍSES AFRICANOS E EUROPEU: ANGOLA, EGITO, MARROCOS, NIGÉRIA E FRANÇA	3%
PAÍSES ASIÁTICOS: AFEGANISTÃO, BANGLADESH, CHINA, LÍBANO, IRÃ, JORDÂNIA, PALESTINA, SÍRIA E TAILÂNDIA	3%

Quanto às crianças as porcentagens são diferentes, porque muitos nasceram já no Brasil, como segue:

NACIONALIDADE DAS CRIANÇAS	PORCENTAGEM
AFEGANISTÃO	0,5%
ANGOLA	1,5%
BANGLADESH	0,5%
BOLÍVIA	11%
BRASIL	77,5%
EGITO	0,5%
EQUADOR	2,7%
MARROCOS	0,5%
PARAGUAI	3%
PERU	1,8%
VENEZUELA	0,5%



Os bilhetes importantes enviados pela agenda costumam ir em quatro línguas e através de aplicativo de mensagens disparamos mensagens em cinco línguas em algumas ocasiões, utilizando grupos de avisos para cada turma.

A unidade tradicionalmente tem um Dia da Família Junino, cuja decoração é realizada em conjunto com as famílias. Cada criança leva para casa um molde de boneco em papel pardo e a família é convidada a confeccionar um boneco para a decoração da festa. Quando os bonecos começam a chegar é uma alegria só! Ficamos impressionadas com a capacidade criativa e artística de nossas famílias, muitas vezes utilizando tecidos, pedras e adereços para caracterizar os bonecos, que ficam tão diversos e lindos como as nossas crianças!

Os bonecos acabam revelando a diversidade cultural da nossa escola, porque são caracterizados de acordo com a cultura da região de origem das famílias. As habilidades artísticas das famílias também têm nos surpreendido em outros momentos, como em oficinas com argilas e outros materiais.

Durante o ano de 2023, o currículo dos Povos Migrantes e Antirracista, assim como o estudo de outros materiais relacionados com essas temáticas fizeram parte do PEA. Os estudos provocaram um olhar cuidadoso por parte de muitos professores e funcionários para a comunidade e tivemos algumas práticas como turmas que fizeram receitas de outras origens na cozinha experimental e turmas que aprenderam brincadeiras tradicionais de outros países. No final do ano tivemos uma festa com o tema: “Somos todos migrantes”, com apresentações de danças de diversas origens.



EMEI Casper Líbero



Piquenique das famílias - EMEI Cásper Líbero

Nessa festa as famílias foram convidadas a participar de um piquenique nos espaços da escola. Avisamos que não poderiam trazer bebidas alcoólicas, providenciamos toalhas e tapetes e também algum lanche extra para complementar, além do lanche das crianças normalmente fornecido. Foi um sucesso! As famílias aproveitaram muito o espaço da escola, compartilharam e estavam muito felizes! Este ano repetimos a experiência do piquenique em nosso Dia da Família em junho e novamente foi um dia muito feliz! Percebemos que essa é uma prática inclusiva, que algumas famílias migrantes já têm e tornou-se um importante momento de integração.

Esse ano, uma professora traduziu os pontos que ficaram amarelos ou vermelhos no primeiro momento do IQEIP para o espanhol para facilitar a participação das famílias na elaboração do Plano de Ação. Também tivemos uma mãe que foi tradutora nesse dia. Consideramos que a diversidade que temos em nossa escola é uma oportunidade para aprender mais a cada dia!

RELATO

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS (AS) ESTUDANTES MIGRANTES



Monica Laratta Vasconcelos

Professora e POA de Alfabetização



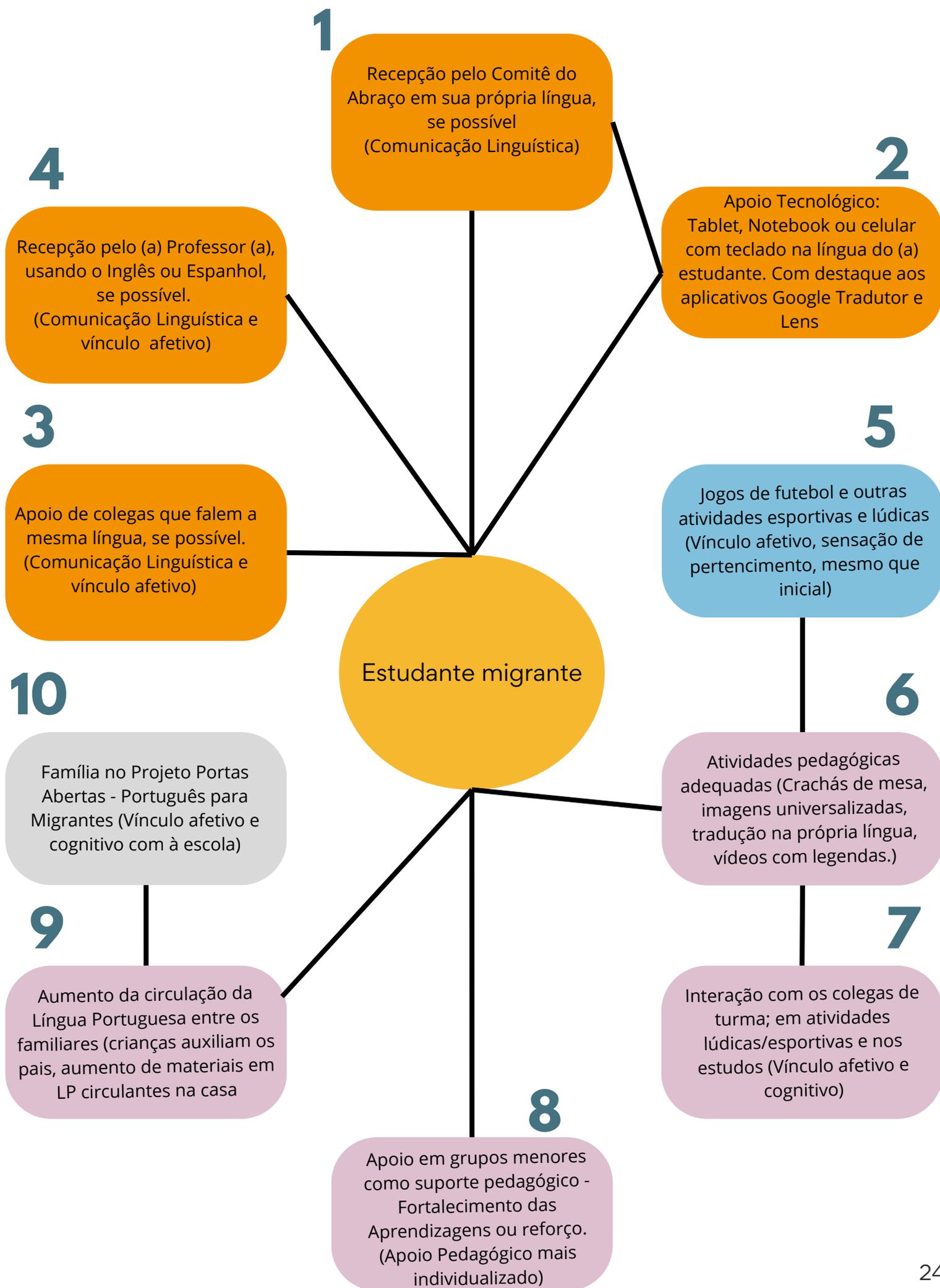
Mural produzido por Verônica Ytier em 2016 juntamente das crianças e adolescentes da EMEF Espaço de Bitita.

“Os povos não têm fronteiras “

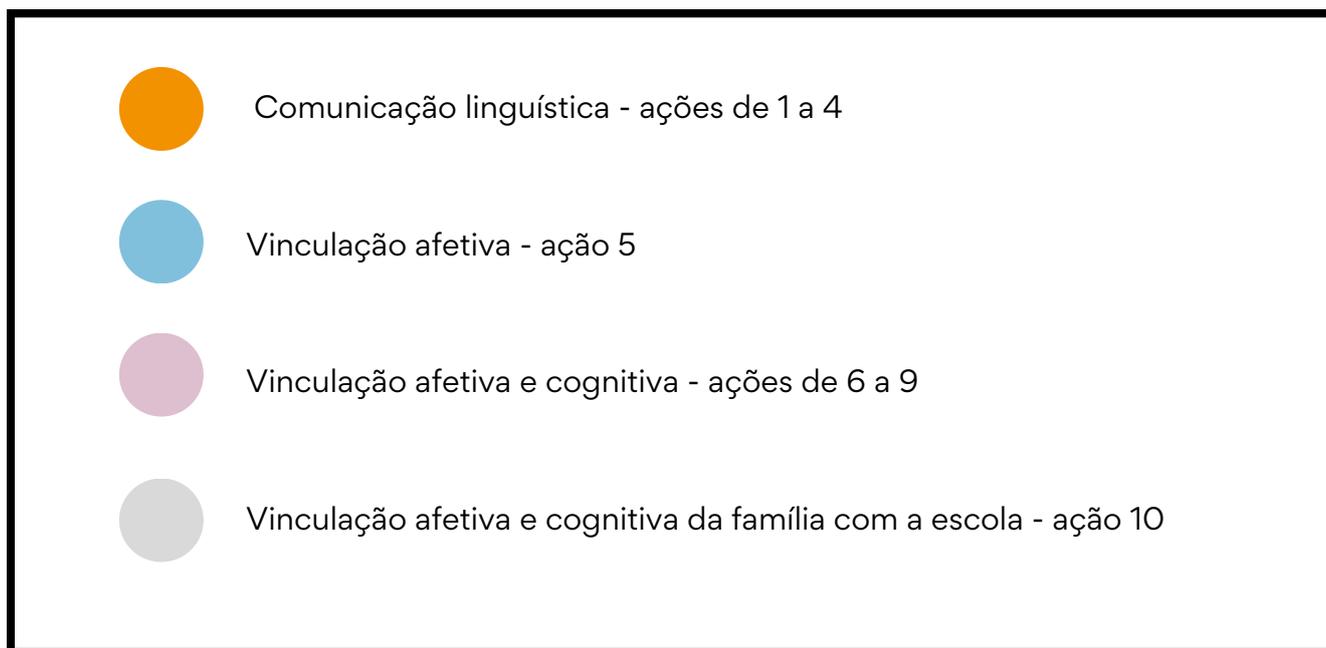
César Antonio Molina



ORGANOGRAMA DE RECEPÇÃO AO ESTUDANTE MIGRANTE



Legenda das estratégias de acolhimento e aprendizagem da EMEF Espaço de Bitita, centralizadas na chegada de um estudante migrante na escola.



A RECEPÇÃO: O COMITÊ DO ABRAÇO E A FORÇA DO VÍNCULO TECIDO NA PRÓPRIA LÍNGUA

O jovem estudante seguia o caminho apontado pelo homem, esforçava-se em recordar os detalhes das ruas, uma após a outra, que o levaria a mais uma escola. As palavras do homem vinham num inglês confuso. O estudante trazia um papel escrito em suas mãos suadas: EMEF Espaço de Bitita e seu nome, escrito naquele estranho idioma, o português. Seu coração batia muito forte! Como seria aquele novo lugar? Como seriam seus novos colegas? Teria um professor ou uma professora? Sozinho, entrou na escola, dirigiu-se à recepção e mostrou o papel, tentando explicar em inglês que uma outra escola o havia mandado para esta, onde estava seu nome para uma vaga.

Imediatamente, a pessoa que o recepcionou chamou a Prof^a Rosângela Galvani, proficiente em inglês. Verificada a vaga, a professora o acalmou e o encaminhou para sua sala de aula, o 5^ºA. Recebi o estudante falando um inglês menos que básico. O apresentei à sua turma e consegui imediatamente um notebook para que ele pudesse se comunicar comigo. Quando o chamava ele atendia, com um sorriso no canto da boca, por fim descobri que o chamava pelo sobrenome. Foi assim que em 2022 mais um paquistanês, A.H. falando urdu e um pouco de inglês, chegou à minha sala de aula. Seu paletó colorido, seu sorriso (parecia calmo agora) e o futebol foram suas características de interação com a turma. Enquanto isso, a coordenação tentava contato com seus pais, que estudavam à noite em nossa escola no Português para Migrantes.

Mas não é mais assim que recebemos nossos estudantes migrantes na EMEF Espaço de Bitita.

O Comitê do Abraço, responsável pela recepção e interação dos estudantes em sua própria língua, os recebem. Na verdade, este comitê recebe todos os visitantes, apresentando num primeiro momento nossa escola pelos próprios estudantes.

Há duas chegadas de estudantes migrantes que foram muito simbólicas para mim. A primeira foi a chegada de um estudante, L., com autismo e deficiência intelectual, de 12 anos e com menos de 6 meses de vivência em escolas, nenhuma delas na Bolívia, seu país de origem. Apresentou-se um garoto da minha altura e nervoso por tanta novidade.

O recebi na porta da sala, disse meu nome e apresentei-lhe a turma. Apontei a cadeira em que o estudante deveria sentar bem perto de mim e cercado de estudantes bolivianos. Ele olhou e ao ver os colegas no entorno reconheceu-se neles, um dos estudantes começou a falar em espanhol com ele. L. suspirou e sorriu. Eu estava diante de um momento mágico! A interação se fez e, embora não tenha conseguido concluir a alfabetização deste estudante, ele teve um grande avanço. Houve momentos tensos, mas diante da intervenção dos colegas falando em espanhol, L. se acalmava imediatamente. Hoje ele fala o português e continua feliz com sua turma!

A segunda recepção foi de um garoto afegão, Z., já há 1 ano e 4 meses no Brasil, situação que eu só soube depois. Estávamos trabalhando a música “A Paz” de Gilberto Gil, e perguntei à turma o que era a paz para eles. Z. foi o primeiro a levantar a mão e responder: “A paz para mim é poder estar numa escola. Nunca tivemos escola no Afeganistão!”.



Na rua, estudantes cantam, dançam e expõem o Manto da Paz.

Quando se trata de migrantes vindos de outro países, os cuidados são bem maiores:

Na matrícula, os responsáveis recebem um folheto falando sobre a escola na sua língua de origem (em implantação).

Recebem também um folheto explicando a rede de apoio do entorno da escola (em português, inglês ou espanhol).

No primeiro dia de aula, o estudante é recebido por um colega que fala sua língua, apresentando a escola, acompanhando-o também na horas das refeições e explicando os procedimentos do lugar. No Bitita tem professores que falam inglês, espanhol e árabe. E estudantes que falam espanhol, francês, guarani, quéchua, ingala, persa, urdu e pashtun.

APOIO DA TECNOLOGIA

Poder se expressar com apoio da tecnologia é fundamental, assim como a afetividade para que o estudante possa se comunicar sempre, já que pode haver alguma urgência de saúde ou emocional. Os notebooks, tablets ou celulares, com o teclado na língua mãe, o aplicativo Lens (para leitura) e Google tradutor (para escrita) dão ao estudante a segurança necessária. Além de facilitar sua integração com os colegas, são instrumentos que nos auxiliam na alfabetização e nos estudos de um modo geral. As escolas devem ter este material disponível, mesmo que para uso somente na instituição.

Profª Simone Morelli (PAP) utiliza o computador inicialmente para a busca de imagens e palavras para ampliação do vocabulário dos migrantes e, já alfabetizados, no ensino da pesquisa para acompanhamento dos roteiros de aprendizagem. A educadora também organizou um grupo de Whatsapp com os estudantes migrantes que inicialmente se comunicam por mensagens de áudio e que, com o avançar da alfabetização, devem se comunicar através de mensagens escritas. Para além da motivação na comunicação em língua portuguesa, o grupo trabalha também os vínculos entre os participantes. Por exemplo, as garotas afegãs postaram vídeos em persa com um desfile de modas, quando estudava-se a temática maquiagem. Outro recurso indicado pela Profª Simone, é o aplicativo Wordwall com conteúdos de língua portuguesa.

Profª Lourdes Azevedo, que auxilia estudantes migrantes no ensino fundamental II, nos relata que a tradução dos roteiros de aprendizagem em persa, pelo Google Tradutor, consegue uma eficácia de cerca de 90% nos textos.

A tecnologia é recurso importante para o estudante e para o professor que o recebe. Depois do sorriso, que é a linguagem universal de que ele é bem vindo em nossa escola! É simbólico também ter o estudante por perto da mesa do professor, o que dá segurança, mas não olhando a lousa e sim se vendo entre os colegas. Os agrupamentos com 4 estudantes também são ideais para tecer a sensação de pertencimento à nova turma.



Festa das Nações realizada em junho de 2023 na EMEF Espaço de Bitita



Placas sinalizadoras que são distribuídas por toda a unidade, em diferentes línguas.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO

O esforço em aprender uma nova língua em um novo país envolve diferentes aspectos de adaptação à nova realidade. Tive um estudante vindo da Bolívia que não gostava de estar no Brasil; embora entendesse o português, se recusava a falar, se isolava e só conversava em espanhol com os colegas bolivianos. Tive que observá-lo muito para perceber sua paixão por ciências. E foi por aí que fui trazendo H. para a aprendizagem com sua turma. Por sinal, ciências e suas universalidades, são um excelente ponto de apoio já que as imagens estão muito presentes nesses estudos. O estudante paquistanês A.H. ficou muito feliz ao receber uma atividade com o sistema digestório, escreveu os órgãos em urdu e veio feliz me entregar!

As imagens e vídeos com legenda em inglês são recursos importantes. Algo que se entenda mesmo que inicialmente, pode despertar interesse no estudante, principalmente se houver uma boa mediação por parte dos professores. Uma medida simples que sempre usei são os crachás de mesa com o nome dos colegas. Os nomes ganham significado e são apoio na escrita em português.

Nos momentos de sondagens ou IADs, os cuidados se redobram quanto ao vocabulário. É muito importante que os estudantes migrantes tenham toda a liberdade para perguntar qualquer dúvida quanto ao vocabulário com o professor. O entendimento da palavra é muito importante tanto para as avaliações de língua portuguesa quanto para as de matemática. Se o estudante não sabe o que é brigadeiro ou coxinha, qual sentido terá em escrever estas palavras? As imagens podem ser apoios neste momento também. Atenção para os falantes de espanhol, essa língua irmã da nossa também pode trazer confusões no entendimento da mensagem.

PERÍODO	CAMPO SEMÂNTICO	PALAVRAS E FRASE
1º bimestre	Festa de aniversário	BRIGADEIRO COXINHA SUCO BIS O SUCO ERA DE LARANJA.



Brigadeiro



Coxinha



Bis



Suco de laranja

Atividades e jogos com recursos de imagem podem trazer integração, “produtividade” aos estudantes migrantes, pertencimento à turma e ampliação de vocabulário. Lembro-me que em um jogo de “Stop” uma estudante se atrapalhou um pouco e precisei deixar claro para a turma que ela estava diante da escrita em 3ª língua. Paraguaia, A. falava espanhol, guarani e português.

STOP	NOME: S					DATA: 3/10/2020
	A	M	L	R	S	SOMA
 NOME DE MENINO	10 ANITA DI	10 MADIANA do	LUCAS	RAMUS	SHABIR	
 NOME DE MENINA	10 ASINAT	10 MIS/OMA	LARISA	RAMEL ZIA	SAMIRA	
 DOCES OU FRUTAS	5 ABACAXI	10 MANGA	LAJE	RAPIA	LIMÃO	
 COMIDAS SALGADAS	5 ARROZ	5 MACARRA <i>macarrão</i>	HOLMOJA	RIZOTE	SASCHA	

Exemplos de trabalho com apoio de imagens são a escrita de palavras, a produção de texto a partir de histórias em quadrinhos e do jogo Histórias ao Cubo. Estratégias lúdicas utilizadas pela profª Simone Morelli, nas aulas de PAP que, realizadas em dupla ou em pequenos grupos, da oralidade para a escrita, dão segurança aos estudantes para os avanços na aquisição do português.



Outra estratégia que deu grande efeito com os migrantes falantes de espanhol foi trabalhar música onde as duas línguas são cantadas. Eles nos ajudaram a tentar uma pronúncia melhor do nosso “portunhol” e ficaram bem felizes em serem legitimados na turma com o diferencial de falar outra língua. Uma das dificuldades que os estudantes apresentavam eram os sons nasais como ão e ães, que foi resolvida depois da atividade. Usamos a música “Años” também em geografia, estudando os países falantes de espanhol e português.

Años

El tiempo **pasa**
 Nos vamos poniendo viejos
 El amor no nos reflejo como ayer
 En cada conversacion
 Cada beso, cada abrazo
 Se impone **siempre** un pedazo de **razón**

Passam os anos
 E como muda o que eu sinto
 O que ontem era amor
 Vai se tornando outro sentimento
 Porque anos atrás
 Tomar tua mão, roubar-te um beijo
 Sem forçar o momento
 Fazia parte de uma verdade ...

El tiempo **pasa**
 Nos vamos poniendo viejos
 El amor no nos reflejo como ayer
 En cada conversacion
 Cada beso, cada **abrazo**
 Se impone **siempre** un pedazo de **razón**

O tempo **passa**
 estamos ficando velhos
 O amor não nos reflete como ontem
 em cada conversa
 Cada beijo, cada **abraço**
 Um pedazo de **razão** **sempre**
 prevalece

Vamos viviendo
 Viendo las horas que **van** passando

Vamos vivendo
 Vendo as horas que **vão** passando

Las viejas discus**iones**
 Se van perdiendo entre las **razones** ...
 A todo dices que si
 A nada digo que no
 Para poder construir
Essa tremenda harmonia
 Que pone viejo los cora**zones**

As velhas discus**ssões**
 Vão se perdendo entre as **razões**
 A tudo dizes que sim
 A nada digo que não
 Para poder construir ...
Esa tremenda harmonia
 Que pone viejo los cora**zones**

Que envelhece os cora**ções**

Compositor: Pablo Milanés (Cuba)



Cantores: Mercedes Sosa (Argentina)



e Fagner (Ceará - Brasil)



Abaixo imagens do IAD de matemática do estudante S. na sua versão em persa.

سوال: 3

لوکاس از آنجا که او واقعاً ریاضیات را دوست دارد، برای بازی "چه چیزی برابر است" تپت نام کرد، او باید کارتی را تپک می زد که همان نتیجه را دارد

Handwritten Persian text: "این کارت را انتخاب می کنم چرا؟" (I choose this card why?)

Qual cartão ele deveria escolher? Por quê?

امتیاز بازی بین 50 تا 100 امتیاز بود. نمودار زیر را برای کل امتیازها ببینید که هر کلاس چهارم به آن دست یافت. جدول کناری را با تعداد امتیازهای هر کدام کامل کنید. تیم در پایان ژیمنازیا داشت



Equipe	Pontos
4º A	400
4º B	450
4º C	500

سوال: 10

یک مدالیت جدید برای بازی تپله ایجاد کرد و این آخرین چالش بود B سال چهارم گیمنازیا. نمودار امتیازات بازیکنان را در پایان بازی نشان می دهد. انجمن صنفی دانش آموزان باید جدول را نیز ارائه دهند



وآنمود کنید که عضو اتحادیه دانشجویی هستید. به پر کردن جدول کمک کنید

Título: Pontuação dos estudantes do 4º ano B

Quantidade de Estudantes	Pontuação
4	23
10	24
7	25
5	26
1	27

Fonte: Registros realizados pela equipe organizadora da Gincana

Percebi que organizar as atividades para migrantes nas duas línguas, uma na língua mãe para ser feito por eles como desejassem (há dificuldade com as imagens, o que requer uma explicação oral) e outra em português, para ser traduzida com apoio de tecnologia e entregue para mim com respostas sempre em português, trazia maior entendimento aos estudantes. Essa estratégia ajuda muito os estudantes alfabetizados do ensino fundamental 1, como S. que chegou à nossa escola no dia do cortejo de carnaval, 17/02. Em 28/03, ele produziu este texto com tradução do persa para português.

نام: _____

تاریخ نسقو: 03/03/2023

im AM o presidente de la República do BRASIL eu
 aumentaria a economia do país e a tornaria
 importante. ajudaria os pobres e
 tornaria o país próspero

Se eu fosse “O presidente da República do Brasil eu aumentaria a economia do país e a tornaria importante. Ajudaria os pobres. Tornaria o país próspero.”

Há uma precocidade na aquisição da leitura em português que ainda não conseguimos entender o porquê. Mas com certeza o fato de ter sido alfabetizado antes facilita muito a alfabetização em português. Observamos estudantes com menos de 4 meses conosco, já lendo em português. Há casos mais rápidos ainda.

Por vezes, nosso alfabeto é assimilado pelos estudantes quando aprendem inglês, o que nos ajuda muito. Usei também frases simples em inglês para a comunicação com os estudantes migrantes asiáticos. Já um tempo maior é necessário quando os estudantes não foram alfabetizados na sua língua mãe, como aconteceu com uma família vinda do Afeganistão que nunca havia frequentado uma escola em seu país. Destes irmãos, um teve a sorte de cursar o ensino fundamental no nosso país, alfabetizando-se. No entanto, os dois irmãos mais velhos, de 13 e 15 anos, chegaram à nossa escola sem conhecer nenhuma letra do nosso alfabeto, embora falantes de português, moradores do Brasil há 1 ano e 4 meses e passando por outra escola antes, segundo as professoras Simone Morelli e Lourdes Azevedo. Estes estudantes seguem avançando na aquisição do português, conforme sondagem abaixo:

H	18/04	26 / 09 / 2024	H
ovo	apagador	<u>ELEFANTE</u>	<u>MACACO</u>
kd	caderno	<u>GATO</u>	<u>CAÃO</u>
aiy	lapis (não fez)		
iot	giz		
↳	Eu tenho lapis coloridos		
			MACACO / POLONA / GALO

Veja a seguir a leitura de S. que rapidamente começou a ler sílabas simples e em 27/03, somente apresentando dificuldades em sons que são especialmente difíceis com "c" e "b" mudos, "que" e sons do "x". Havia se passado somente 40 dias de sua chegada ao Espaço de Bitita.

NOME: S. Nº ... TURMA: 5º
DATA DE REALIZAÇÃO: 27/03/2023

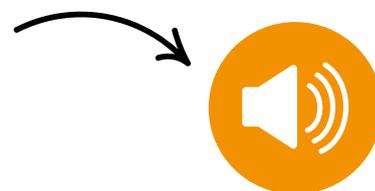
ETAPA 3 – LEITURA EM VOZ ALTA

LEIA EM VOZ ALTA PARA O SEU PROFESSOR UM TRECHO DA NOTÍCIA A SEGUIR:

NO DIA 19 DE JANEIRO, UMA NOVA IMAGEM DA VIA LÁCTEA FOI DIVULGADA, TRAZENDO DETALHES NUNCA VISTOS ANTES. A NOVIDADE MARCA A SEGUNDA FASE DE UMA DAS MAIORES PESQUISAS JÁ EXISTENTES SOBRE A NOSSA GALÁXIA.

NO LEVANTAMENTO DIVULGADO AGORA, QUE LEVOU DOIS ANOS PARA SER FEITO, FORAM IDENTIFICADOS CERCA DE 3 BILHÕES DE OBJETOS ESPACIAIS. ESTIMA-SE QUE ESTE SEJA O MAIOR CATÁLOGO DO TIPO JÁ FEITO.

Ouçã o áudio do estudante Shabir lendo sua atividade em Língua Portuguesa



Profª Lourdes Azevedo nos relata que os roteiros de aprendizagem para os estudantes dos 6ºs aos 9ºs anos são traduzidos somente para os estudantes asiáticos no 1º bimestre de sua chegada à escola. Já no 2º bimestre, normalmente eles já seguem os roteiros em português com ajuda de tecnologia para as leituras e traduções. Aos estudantes migrantes falantes de espanhol, são oferecidos os roteiros em português pela proximidade das duas línguas, permitindo inicialmente respostas em espanhol e apoio sempre que necessário para dúvidas com o vocabulário. Mas há casos, segundo a Profª Fernanda Zientara, em que há a necessidade da tradução dos roteiros de aprendizagem também para o espanhol.



Estudantes em atividades na EMEF Espaço de Bitita

Aos poucos, o português já está presente nas respostas e quando os estudantes já estão conversando com seus conterrâneos em português, podemos dizer que a interação na nova língua está concluída. Os estudantes já estão à vontade para pensar e relatar o mundo em português!

Outra experiência muito significativa são os saraus multilíngues. Realizei um com os estudantes durante a pandemia. Os estudantes traziam presentes para o grupo em forma de desenhos ou poesia escrita ou escolhida por eles. Os migrantes podiam ler na sua língua materna ou em português. Tivemos apresentações em espanhol, urdu e em português. Esta estratégia legitima e valoriza as diferentes línguas circulantes na turma. Realizado presencialmente como o SLAM Bitita de 2024, pela professora Carol Cortinove, ganha força muito maior! Os migrantes sentem saudades do seu país, dos familiares e amigos que lá ficaram, bem como o medo da perda da língua mãe. A possibilidade da escola legitimar diferentes línguas, quer seja num sarau multilíngue, quer seja nos registros dos estudantes, é uma ação pedagógica inclusiva, de grande significado aos migrantes. **VEJA AS BELEZAS DO SLAM BITITA DE 2024 NO LINK!**

SLAM BITITA 2024 - REALIZADO EM 09/10/24 PELA PROF^a CAROLINA CORTINOVE



VENCEDOR: Fernando Isidoro - 9º ano A



Poesia apresentada pelo estudante Jonas



Tradução da poesia do estudante Jonas pela colega ____



Basta clicar nas imagens para visualizar os vídeos do Slam do Bitita

A AVALIAÇÃO DO PROCESSO

No Espaço de Bitita, temos planilhas de acompanhamento nas quais bimestralmente relatamos sobre nossos estudantes. Das tantas coisas que aprendi com o coordenador Carlos Eduardo Fernandes Junior, há um modo muito interessante de acompanhar a aprendizagem de cada um dos estudantes: avaliamos seus avanços, suas estabilidades e seus desafios.

Procurar os AVANÇOS é imprescindível para alimentar a concepção de que sempre se aprende, mesmo que em pequenos detalhes percebidos pelo olhar atento do educador. Seja nos aspectos atitudinais, emocionais ou cognitivos, os avanços nos dizem muito da trajetória escolar. Quanto maior o desafio, mais importante são os registros. Há de se afastar qualquer ação comparativa que não com o próprio estudante. No caso do estudante migrante, as interações com os colegas e a aquisição da língua portuguesa falada, lida e escrita são de extrema importância, tanto para a aprendizagem quanto para o sentimento de pertencimento do estudante ao ambiente escolar.

As ESTABILIDADES nos põem com o pé no chão. São o que permanecem de positivo ou negativo no processo de aprendizagem. Caso sejam positivos devem ser sempre pontuados e incentivados. Caso sejam negativos, ou bloqueios na aprendizagem apesar dos esforços feitos, é importante que sejam pontuados e continuem como desafios.

Os DESAFIOS são os caminhos a serem percorridos, o trabalho a se fazer para atingirmos a aprendizagem nos aspectos atitudinais, emocionais e cognitivos. Há uma grande importância no registro e nas possibilidades de intervenções em outras instâncias, como conversas com a família e encaminhamentos à saúde, caso sejam necessários. A comunicação com a família ajuda muito a entender os caminhos, por vezes muito difíceis, vivenciados pelo estudante. É importante lembrar que as situações/emoções mais intensas são difíceis de serem traduzidas com um vocabulário restrito. Mesmo com as dificuldades da ainda não aquisição do português pela família, é importante conversar, nem que seja através de um intérprete ou com o apoio da tecnologia.



Estudante participa do projetos de ciências no pátio da Escola



O diretor Cláudio (à direita) com o coordenador Carlos Eduardo, e os alunos sírios Mohamed e Mayas acompanhados da mãe Sharazad. Crédito: Mariana Pekin

AFETIVIDADE - O GRANDE EIXO

Recebendo a visita de profissionais de uma escola de Portugal para conhecer o Espaço de Bitita, justamente por causa do nosso trabalho com migrantes, percebi a surpresa que tiveram com o genuíno acolhimento que a escola oferece aos estudantes.

Algo que está nas concepções éticas que envolvem todo o trabalho da escola, mas que é dinâmico, construído e reconstruído a cada educador e estudante que chega à instituição, a cada novo desafio posto. Muitos professores moram longe, mas trabalham por muito tempo em Bitita. Muitos professores escolhem a escola por saber de seus projetos. Os estudantes migrantes também escolhem a escola por conhecê-la através de outros migrantes. A gestão escolar está numa luta há anos para “orquestrar” as ideias em ações coletivas e democráticas com toda a comunidade escolar. Há, portanto, algo que perpassa o que se vê e o que se sente: a afetividade!

E não somente a afetividade, mas o empenho em alcançar a aprendizagem para todos os estudantes! Os estudantes migrantes são parte deste contexto.

Desde os folhetos recebidos na matrícula, da visão das placas da escola em diferentes línguas, da recepção com o Comitê do Abraço, de todas as estratégias criadas e recriadas por todos os educadores envolvidos com os estudantes: tutores e professores nas salas regulares, nas salas de apoio e fortalecimento, nos diferentes projetos, nas conversas com as famílias e responsáveis, na presença destas famílias no Português para Migrantes. Enfim, há um coletivo em ação.

Quem cuida de quem no imenso desafio a que estamos expostos na educação pública para que ela seja verdadeiramente inclusiva? Em nossas salas de aula temos escolhas e ações pedagógicas específicas e, por vezes, solitárias. A diferença certamente está na “rede de apoio” escolar que nos sustenta.

Enfim, sejamos sensibilizados pelas grandes necessidades de comunicação e interação dos nossos estudantes migrantes, acolhedores com suas trajetórias e fortalecidos em nossos coletivos porque para aprender em um novo país é preciso toda uma aldeia!



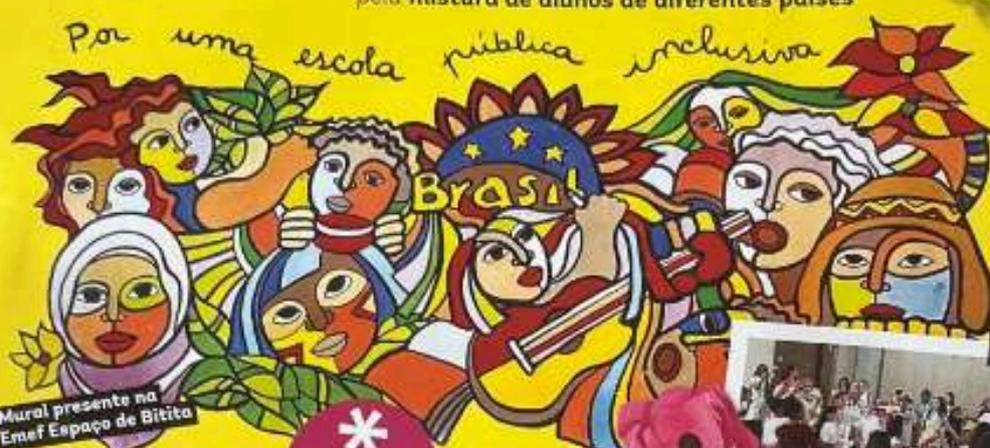
QUALÉ

da sua escola

FESTA DE SOTAQUES

Emef da região central de São Paulo se destaca pela mistura de alunos de diferentes países

Por uma escola pública inclusiva



Mural presente na Emef Espaço de Bitita

Leia a matéria completa no nosso site.



FLÁVIA MANTOVANI

Já faz três anos que a Emef Espaço de Bitita trocou a festa junina por uma grande festa das nações. Nesse dia, a escola é enfeitada com toalhas de chita típicas de São João, mas também com tecidos bolivianos e bandeiras de vários países.

As apresentações vão do frevo pernambucano à dança careana na *k-pop*, e as crianças cantam baião e música folclórica da África do Sul.

A mistura entre o Brasil e o mundo é a cara dessa escola, que fica no Canindé, zona central de São Paulo, onde moram muitas famílias imigrantes. De cada três alunos, um veio de outro

país, entre eles Angola, Afeganistão, Bolívia e Venezuela.

Com tantas culturas e idiomas diferentes, era comum haver desentendimentos e episódios de **xenofobia**.

"No recreio, ficava um grupinho de imigrantes de um lado, os brasileiros do outro. Ninguém se misturava", conta o diretor, Cláudio Marques Neto. "Aos poucos, eles foram se dando conta de que a diversidade é interessante", diz.

Hoje, o esforço de integração começa já no primeiro dia. Quando um aluno novo chega, é recebido pelo Comitê



De rosa, a menina angolana Ana José. Acima, os irmãos Kemilly e Jair, que vieram da Bolívia. Os três estudam na Bitita

DO AFGANISTÃO PARA O BRASIL

Naia** só começou a frequentar a escola aos 11 anos. Ela é do Afeganistão, um país onde muita gente acha que meninas não devem estudar. A garota conta que sempre quis ir à escola, mas precisava trabalhar ajudando a mãe no campo. Só conseguiu realizar esse sonho quando chegou ao Brasil. Ela fala persa, mas em pouco tempo aprendeu o português.

Hoje, Naia ajuda outros colegas afegãos que chegaram depois dela, como Lalo**, menino que se mudou para São Paulo com a família. Falante, ele diz que já ficou amigo de um monte de gente na escola e que em três meses já sabia ler e escrever em português: "Todo dia eu pego o livro e leio, leio, leio. Quero aprender rápido".

** Os nomes foram trocados a pedido das famílias.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES



REPORTAGEM: FLÁVIA MANTOVANI | ILUSTRAÇÃO MURAL: YTIER

Reportagem da Revista Qualé, de agosto/24, feita na EMEF Espaço de Bitita no dia da Festa das Nações, em 29/06/24.

RELATO

POVOS MIGRANTES, VALORIZANDO A DIVERSIDADE CULTURAL

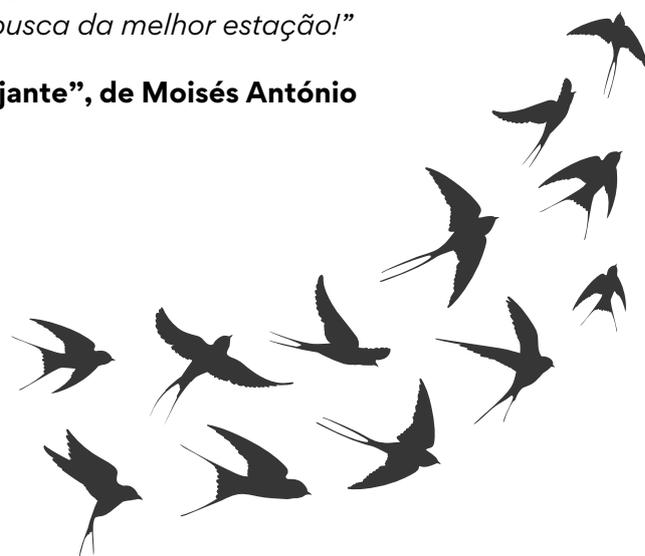
EMEI Dinah Galvão

Vanda Luiza dos Santos Montenegro
Coordenadora Pedagógica



*“Sou migrante
Feito uma andorinha, em busca da melhor estação!”*

Trecho do Poema “O Viajante”, de Moisés Antônio



Nos últimos dez anos, nossa unidade tem mostrado um aumento gradativo de crianças migrantes, as primeiras que chegaram até nós, eram nascidas ou tinham seus familiares nascidos principalmente na Bolívia, mas também recebemos crianças haitianas, colombianas e venezuelanas.

Nossas práticas pedagógicas eram pensadas considerando o multiculturalismo, era comum acrescentar em nossas vivências livros com protagonistas migrantes, como princesas africanas. Vídeos que representavam outras culturas como o Kiriku e a feiticeira.

Em formações em horário coletivo, percebemos que nossas ações tinham que ir além de livros e vídeos que apresentavam diferentes culturas, a partir daí, em 2023 implementamos o primeiro projeto colaborativo com a temática, que intitulamos “Povos migrantes: levantando novos voos”.

A elaboração do projeto exigiu estudos e sensibilização dos educadores com o acolhimento das crianças migrantes da escola, o realizamos em cinco etapas importantes: 1ª) Iniciamos identificando em qual dimensão do currículo o projeto se enquadra; 2ª) Elencamos três grupos de objetivos: Indicadores de qualidade, BNCC e das ODS; 3ª) Escrevemos a justificativa, a partir da indagação: por que consideramos importante para a unidade para falar sobre o assunto? 4ª) Pensamos no desenvolvimento a partir da nossa organização de salas multi-ambientalizadas, planejando colaborativamente as vivências e; 5ª) Após concluído o projeto, nos reunimos para refletir sobre o vivido, realizando a avaliação.

Dentre as constatações avaliadas no projeto, destacamos nossa percepção no quanto as crianças migrantes sentiram-se acolhidas, registro a seguir um trecho da nossa avaliação que evidência aprendizagem e mudança psicossocial de uma das nossas crianças:

A professora Jane fez a narrativa que a Mayli, menina boliviana que chegou ao nosso país por volta de dois meses, a criança pouco se comunicava, na implementação do projeto, se envolveu com as atividades e percebia que estavam falando o seu idioma, depois disso começou a aumentar suas iniciativas de comunicação, seja por gestos, desenhos e arriscando falar os seus desejos.

O projeto foi potente e aprendemos muito com ele, sensibilizou nosso olhar com relação a estas crianças, constatamos que elas passaram a demonstrar sentimento de pertencimento com a unidade. Não poderíamos falar do projeto realizado em 2024, sem contextualizar nossa primeira intervenção com a temática.

Neste ano, partimos da avaliação do projeto anterior e intensificamos os estudos iniciados com o Currículo da Cidade: Povos Migrantes (SÃO PAULO, 2021). De maneira colaborativa, demos vida ao projeto “Povos migrantes: valorizando a diversidade cultural”, que foi planejado e implementado como apresentado no projeto do ano anterior.

Como avanço com o projeto do ano anterior, partimos da premissa de que a unidade é um ambiente de escuta não somente para as crianças, mas também pode ser para os seus familiares. Compreendemos que a unidade pode ser um ponto de apoio para transformar a vivência destas famílias, visto que em alguns casos, podemos constituir como único ponto de apoio.

Isso posto, montamos um grupo no WhatsApp e convidamos os familiares das crianças migrantes para participar, explicamos o projeto antes de ser enviado para todas as famílias e pedimos a colaboração de responderem a um pequeno questionário (formulário Google) que nos ajudaria a conhecer às crianças e também subsidiar algumas vivências com todas as crianças.

O questionário era formado de doze perguntas: 1ª) Nome da criança ; 2ª) Cidade, estado e país de nascimento da criança; 3ª) Cidade, estado e país de nascimento da mãe da criança; 4ª) Cidade, estado e país de nascimento do pai da criança; 5ª) Cidade, estado e país de nascimento outro familiar migrante, caso os pais sejam brasileiros; 6ª) Fala um pouco sobre o país de onde a criança ou o familiar migrou; 7ª) Motivo que a família escolheu o Brasil; 8ª) Transporte que utilizou para vir para o Brasil; 9ª) Transporte que utilizou para vir para o Brasil; 10ª) Como foi o acolhimento no Brasil; 11ª) Há alguma coisa da cultura do país em que migraram que queira compartilhar conosco (roupa, dança, história, música, etc); 12ª) Gostaria de receber o relatório de acompanhamento de aprendizagem da criança traduzido no dia da reunião?

Os familiares participaram ativamente do questionário, tivemos caso de uma mãe que nos procurou dizendo que não tinha celular, que utilizava o celular da dona da oficina de costura em que trabalhava para recados rápidos, mas que não poderia responder por lá, o fato culminou numa conversa muito interessante e respondemos juntos o questionário. Em posse de todas as respostas, produzimos este material, que subsidiou algumas vivências planejadas no projeto:

Zoe Alana Sanchez Salinas - 7C

	Paraguai: Bonito	Peru: Maravilhoso
	Por que escolheu o Brasil?	Diversidade Cultural e País dos Migrantes
	Em qual transporte veio para o Brasil?	Ônibus
	Como foi o acolhimento no Brasil?	Super bem - Gente acolhedora
	PARAGUAI	PERU
		
Criança: Brasil Mãe: Paraguai Pai: Peru Familiares: Paraguai/Peru		

Os cartões foram trabalhados na vivência de apresentação das crianças migrantes para todas as crianças da escola, na apresentação das bandeiras, na roda de conversa sobre o meio de transporte, por exemplo. Tivemos relato de uma criança migrante que falava que estava famosa na escola, visto que as outras crianças as abraçavam, falavam que eram migrantes e muitas vezes lembravam o país de origem.

A Zoe, por exemplo, era chamada de boliviana pelas crianças, no projeto descobriram que ela nasceu no Brasil, sua mãe no Paraguai e seu pai no Peru. Temos crianças com estereótipos orientais, que eram chamadas de japonesas pelas demais crianças, descobriram que tanto elas como seus pais haviam nascido no Brasil, mas seus avôs/bisavôs haviam nascido no Japão.

Temos em nossa escola vinte três crianças migrantes internacionais de três continentes diferentes, Americano, Asiático e Africano: Bolívia, Peru, Paraguai, Japão, Zâmbia, Nigéria, Angola e Marrocos.

Nossas vivências incluíram: Pesquisa para todos sobre o local de nascimento da criança e dos familiares, leitura, rodas de conversa, vivências com o mapa mundi e do Brasil trabalhando o migrante nacional e internacional, atividades de locais e cardápio dos três idiomas, criação coletiva de cordel, bandeiras das nacionalidades representadas, leitura/contação de histórias com a temática, releitura de obras de arte (J. Borges, Mestre Vitalino e Sil da Capela), esculturas de argila, xilogravuras, transportes utilizados pelos migrantes, brincadeiras de outras nacionalidades, vídeos com a temática, disputa de futebol com os diferentes países, vivências com a cultura japonesa e africana.



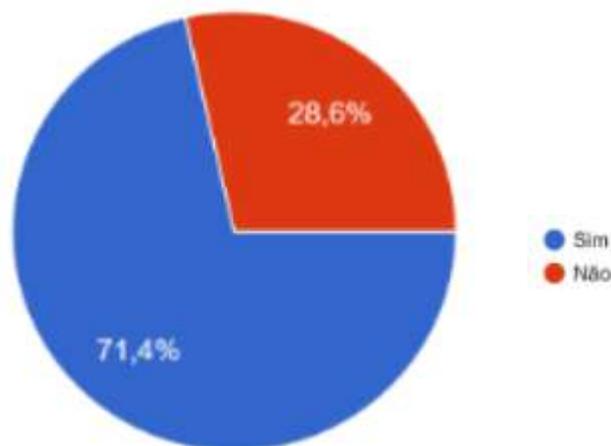
EMEF Dinah Galvão



EMEF Dinah Galvão

Pudemos observar que o acolhimento foi a principal atitude metodológica da unidade, a acolhida deve começar no ato da matrícula e continuar no decorrer do ano. No projeto percebemos que mesmo familiares que já moram há alguns anos no Brasil, responderam sim para a questão da tradução do Relatório de Acompanhamento de Aprendizagem, tivemos a narrativa de uma mãe que disse que se comunicava verbalmente, mas a leitura na língua portuguesa era de pouca compreensão, o gráfico mostra que 71,4% dos familiares optaram pela tradução:

Pesquisa realizada na unidade



Gostaria de receber o relatório de acompanhamento de aprendizagem da criança traduzido no dia da reunião?

21 respostas

No ano anterior, contamos com a parceria da professora Valquíria Fagundes, do CEI Américo de Souza, para nos auxiliar na tradução do documento para as famílias que solicitaram. Numa formação para coordenadores pedagógicos com o NEER, a professora Fernanda Lamesa, nos deu a segurança de fazer a tradução pelo Google Tradutor e assim fizemos neste ano.

Sabemos que quando uma criança migrante vem para a Educação Infantil, sente-se insegura devido aos aspectos culturais, entre eles o linguístico, consideramos que nosso projeto contribuiu para aumentar a segurança destas crianças.

Acreditamos ter promovido a compreensão sobre diversidade cultural e a inclusão, ajudando as crianças a valorizarem diferentes origens e trajetórias. Ter ampliado a empatia e o respeito pelas experiências de migrantes, muitas vezes marcadas por desafios como a busca por melhores condições de vida;

Encerramos este relato com a migrante quechua boliviana Jobana Moya, quando diz, “É preciso trabalhar primeiro a descolonização. Se não houver esse trabalho, não há como se falar em valorização dos povos”. Neste sentido, consideramos que há muitas maneiras de descolonizar o currículo de maneira antirracista, acreditamos que nosso projeto seja uma pequena maneira.



EMEF Dinah Galvão

RELATO

MIGRAÇÃO, EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO DE ESCUTA

EMEI Paulo Freire



Desenho realizado pelo estudante Rafael, da turma 7C, integrante do Conselho Mirim

Naide Ribeiro

Professora da Educação Infantil

A EMEI Professor Paulo Freire, situada no CEU Tiquatira e vinculada à DRE Penha, tem se dedicado em práticas de acolhimento a crianças migrantes, alinhadas às diretrizes dos direitos humanos e ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Com o objetivo de proporcionar um ambiente inclusivo e participativo, a unidade criou o Conselho Mirim, no qual crianças de diversas origens têm voz ativa nas decisões escolares, fortalecendo o sentimento de pertencimento e autoestima.

Cada representante foi eleito com modalidades de voto lúdicas através de balões e fitas, painel ilustrativo afixado e a apresentação das atribuições do representante da turma, que é levantar ideias, sugestões, críticas e reflexões sobre o cotidiano escolar.

A modalidade de registro é o Portfólio que está sendo construído com registros da professora Naide e Thalita juntamente com as crianças, além de fotos e QR code das reuniões para retomada de apreciação de toda a comunidade escolar.



Uma das iniciativas mais significativas desse projeto foi a nomeação de Diego, uma criança bilíngue de ascendência peruana, como intérprete mirim. Ele atua auxiliando na comunicação entre crianças migrantes falantes de espanhol e a comunidade escolar, facilitando a integração desses pequenos e garantindo uma adaptação mais tranquila ao novo ambiente.

Tal relação se dá de forma leve e espontânea e todas as crianças e de outras nacionalidades interagem num movimento lúdico e potente onde o Diego possibilita maior interação entre eles e com os educadores.

“Mãe eu preciso falar como vocês, meus amigos precisam de mim!”

Diego, 5 anos (relato da mãe)



Diego, interprete Mirim - CEU EMEI Paulo Freire



Diego, interprete Mirim, na reunião do GT Povos migrantes realizado na EMEI Paulo Freire

O projeto começou com um estudo de território para identificar as famílias migrantes, através de um relatório sócio cultural enviado pelo WhatsApp para as famílias. Isso permitiu um entendimento mais profundo das necessidades linguísticas e culturais das crianças. Além disso, a unidade promoveu um evento imersivo para celebrar a diversidade, envolvendo as famílias em oficinas de dança, música e arte, destacando as diferentes nacionalidades presentes no espaço escolar.

Dia da família - CEU EMEI Paulo Freire



Uma das ações do Conselho foi a sugestão para a reforma do parque de nossa Unidade escolar com um desenho que contemplou os desejos trazidos pelas crianças. O autor do desenho se chama Rafael e, enquanto as crianças representantes de sala iam trazendo as ideias da turma, ele ia formando o esboço a seguir:



Projeto / Parque - CEU EMEI Paulo Freire



Parque - CEU EMEI Paulo Freire

Outro destaque é o jornal informativo do Conselho Mirim, produzido em dois idiomas, que não só comunica as atividades da escola, mas também reforça o protagonismo das crianças no processo educacional e contribui para o conhecimento de órgãos parceiros de saúde e bem estar. As famílias migrantes também estão envolvidas em oficinas de culinária e artesanato, aproximando a comunidade e fortalecendo o diálogo intercultural.

A EMEI Prof. Paulo Freire ainda distribui informativos multilíngues no ato da matrícula, garantindo que todas as famílias tenham acesso às informações necessárias para a adaptação educacional. No cotidiano os recados são transmitidos também em dois idiomas pensando sempre em superar barreiras de comunicação. Essa série de ações tem resultado em maior presença e participação das famílias migrantes nos eventos educacionais, contribuindo para a criação de um espaço acolhedor e inclusivo para todos.



Jornal do Conselho Mirim - CEU EMEI Paulo Freire

Os resultados do projeto têm sido promissores, notamos isso na participação efetiva de famílias de outras nacionalidades nos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, mostrando uma redução na evasão escolar e aumento da participação ativa de meninos e meninas migrantes. E por fim a experiência da EMEI Prof. Paulo Freire demonstra como práticas pedagógicas inclusivas podem transformar o ambiente escolar em um espaço de acolhimento, respeito e diálogo intercultural.



Representantes de sala - CEU EMEI Paulo Freire



CEU EMEI Paulo Freire

RELATO

ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES MIGRANTES: DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL COM ARTES E JOGOS DE MESA

EMEF Guilherme de Almeida

Ana Paula Souza Mendes
Professora de Artes



Estudantes jogando no projeto

“O que muda na mudança, se tudo em volta é uma dança no trajeto da esperança, junto ao que nunca se alcança?”

Carlos Drummond de Andrade



Na EMEF Guilherme de Almeida convivemos cotidianamente com a presença de estudantes migrantes, um número que veio crescendo nos últimos anos e demandando a atenção dos profissionais que trabalham nessa escola, sob diversos aspectos que iremos discorrer brevemente aqui.

Para se ter uma ideia do perfil destes estudantes, de acordo com levantamentos de fevereiro de 2024, dos cerca de 890 matriculados havia ali a presença de 36 migrantes no corpo discente (4% dos estudantes da escola), dos quais uma grande maioria de estudantes bolivianos (31), seguido de paraguaios, peruanos e argentinos. Já houve a passagem de estudantes angolanos em anos anteriores também, alguns se formaram em nossa escola e outros estiveram de passagem por alguns meses.

Dado este contexto, observamos que os estudantes de que vamos tratar aqui apresentavam com um rendimento abaixo da média dos demais companheiros e lidavam diariamente com a dificuldade de se comunicar adequadamente com os professores e demais colegas, devido ao fato de serem migrantes recém chegados ao país ou simplesmente pelo vínculo de afeto com a língua do país de origem da família, o que faz com que a língua portuguesa seja utilizada quase que exclusivamente na escola.



Estudantes jogando no projeto

Assim, devido a barreira da língua eles apresentavam dificuldades diversas, do tipo: erros ortográficos devido a diferenças de fonemas entre a língua portuguesa e o espanhol, dificuldade para alcançar as primeiras hipóteses de escrita no processo de alfabetização, ficavam isolados socialmente dos demais colegas de turma e as vezes da escola como um todo também, não sabiam como pedir ajuda ou expressar sua vontade ou ponto de vista numa situação de conflito, demonstravam timidez para tirar dúvidas durante a aula, entre outras questões.

E o jogo continua...





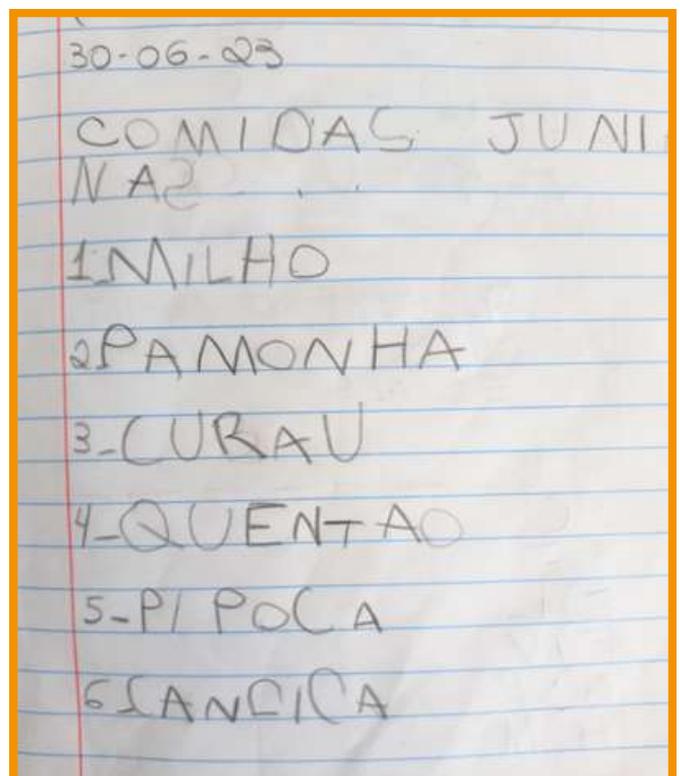
Buscando atuar nesse cenário para promover uma melhoria no processo de aprendizagem destes estudantes, foi proposto um projeto do Mais Educação em 2021 inicialmente chamado de “Portugues para migrantes”, o qual vem sendo desenvolvido desde então no contraturno escolar, com carga horária semanal de 2 horas-aula, em um grupo multisseriado de aproximadamente 20 a 22 estudantes. O projeto é focado em desenvolver a comunicação em língua portuguesa, propiciar a aproximação ou ampliação de repertório acerca de elementos da cultura brasileira, fortalecer as relações de convívio, com acolhimento e valorização da diversidade do grupo (seus saberes, identidades, culturas e potencialidades).

Para alcançar estes objetivos, lançamos mão das estratégias de utilizar jogos de tabuleiro, jogos teatrais e práticas artísticas em linguagens diversificadas, além de propiciar momentos de rodas de conversa, sempre que possível no início de cada encontro.

Ao fazer uma roda de conversa inicial no decorrer dos encontros para que todos possam se aproximar, é possível perceber certa timidez para falar em grupo, visto que costumeiramente esses estudantes não falam ou falam pouco nas aulas regulares. Nestes momentos, experimentamos alguns jogos teatrais simples, para “quebrar o gelo”, começar a memorizar os nomes dos colegas e ativar o foco de cada um para o diálogo.

Por meio das conversas informais do início das atividades também tem sido possível acompanhar a rotina de cada estudante na escola e fora dela, compreender melhor suas dificuldades e avanços em termos de relacionamento interpessoal, aquisição de vocabulário, conhecer gostos e preferências.

Por que conhecer um pouco do universo destes estudantes importa? A partir destas conversas iniciais é possível selecionar melhor o contexto de palavras que precisamos praticar mais para que ampliem o repertório de palavras dentro do contexto que mais necessitam no momento (nomes dos materiais escolares, tipos de alimento, nomes das emoções, termos informais que os estudantes utilizam nas conversações, como pedir para ir ao banheiro ou denunciar uma situação de injustiça, por exemplo). Também pela conversa é possível saber onde a rede de atenção a estes migrantes e sua família está falhando, como a dificuldade de acessar o aplicativo que libera o valor para compra do material escolar e do uniforme, saber onde no bairro é possível refazer um curativo no braço - inclusive aprender que o acesso ao atendimento gratuito em saúde é um direito a que todos os migrantes têm, como já aconteceu.



Atividade desenvolvida por uma estudante do Projeto

A inserção dos jogos de mesa em nossos encontros veio como uma estratégia para estimular a criação de vínculos entre os estudantes e com a professora, além de acabar sendo um estímulo lúdico para que pudessem se arriscar mais a falar durante as aulas, para que pouco a pouco fossemos trabalhando o vocabulário dentro destas situações. Assim, destaco alguns jogos que foram selecionados com esses objetivos: a) "Dobble", composto de cartas circulares com imagens diversas, no qual para marcar pontos é preciso encontrar a figura em comum entre duas ou mais cartas e falar o nome daquela figura; b) jogo lexis, onde cada jogador tem uma ilustração igual, com diversas figuras num cenário e podemos escrever ou marcar figuras cuja palavra começa com a letra que foi sorteada c) bingo de palavras, em que antes de anunciar a palavra sorteada fazemos uma adivinhação para ver quem a conhece.

Foi possível notar que os jogos de tabuleiro tiveram um papel importante no engajamento dos estudantes no projeto, pois constantemente pedem para jogar e apresentaram um salto na desinibição para se arriscar a falar em português, praticando os jogos em grupos que variam entre pessoas com nível de alfabetização e comunicação oral aproximado e grupos mistos.



E a diversão e a aprendizagem continuam...

Além dos jogos e rodas de conversa, também desenvolvemos atividades em que os estudantes desenvolvam a linguagem por meio da audição de músicas, trabalhando-se a letra, discutindo em grupo as palavras e seus possíveis significados, desenvolvendo a apreciação estética e elaborando formas de interpretar as canções, seja cantando, dançando ou ainda criando animações com figuras em papel, por exemplo.

O uso de jogos de tabuleiro e das linguagens artísticas se mostraram como importantes ferramentas para estimular a socialização, o sentido de pertencimento e a aquisição e desenvolvimento de vocabulário junto aos estudantes migrantes. Além disso, permitem a inclusão de estudantes de etapas diversas dos ciclos de aprendizagem em interação e troca constante.

Desde a implantação do projeto até o momento, temos colhido resultados positivos: percepção de maior engajamento dos estudantes nas aulas do projeto e aulas regulares, maior capacidade de compreender as comandas no decorrer das aulas em geral, desinibição gradativa para as interações sociais na escola, evolução no processo de alfabetização, engajamento para participar em demais projetos do Mais Educação na escola.

Os próximos desafios estão em ampliar as trocas culturais entre os migrantes e os demais estudantes, para que a escola possa se beneficiar do enriquecimento cultural trazido por eles e para que os estudantes migrantes sintam mais concretamente sua cultura respeitada e valorizada. Espera-se que deste modo possamos caminhar para uma escola cada vez mais democrática e diversa, sem que os estudantes migrantes sintam que precisam invisibilizar sua cultura para poder pertencer a esse espaço.



RELATO

ACOLHER PARA APRENDER

EMEI Pixinguinha

Soraia Rocha
Coordenadora Pedagógica



“O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar [...]. Suas múltiplas raízes se partem. [...] Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas o que pode renascer nessa terra de erosão.”

Ecléa Bosi

Quando fui desafiada a escrever este relato, procurei buscar onde e quando exatamente a temática migrante começou a ocupar os tempos e espaços da unidade educacional.

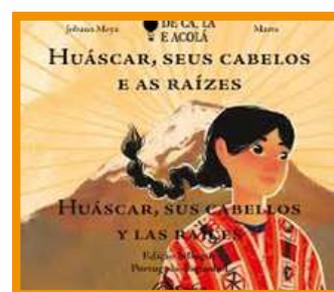
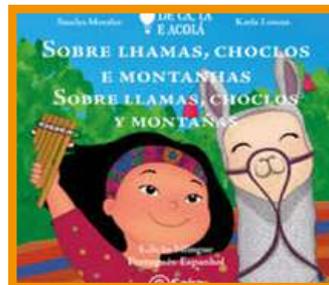
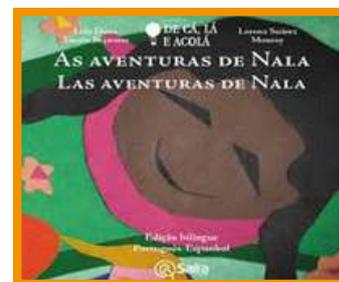
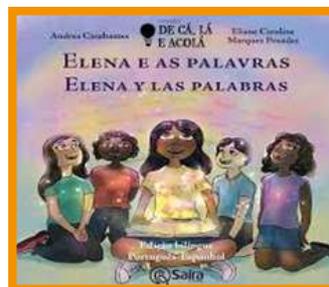
Em 2022 eu chegava na EMEI Pixinguinha, território de abastada presença de famílias vindas da Bolívia. Sim, era uma unidade educacional que já se mostrava habituada a atender pessoas no balcão da secretaria, buscando garantir o mútuo entendimento entre o português falado aqui e o espanhol trazido de lá.

É importante destacar que além das famílias vindas da Bolívia, tínhamos também famílias oriundas do continente africano. E as sessões simultâneas de leitura, com acervos de temática migrante e de valorização da cultura africana são estratégias das quais fazemos uso mensalmente, desde 2022, quando a unidade educacional optou por retomá-las.

Era a minha primeira experiência na coordenação pedagógica de uma unidade educacional, com tantas famílias migrantes e foi no meu olhar carregado de estranhamento, diante de uma comunidade tão diversa, que me senti desafiada a propor, para toda equipe, estudos e ações que promovessem não só o protagonismo, mas principalmente o respeito e o acolhimento das famílias oriundas de diferentes lugares do mundo.

O PEA (projeto especial de ação) de 2023 foi a possibilidade concreta e contínua de apropriação das principais ideias dos documentos da Secretaria Municipal de Educação, pela equipe da EMEI Pixinguinha. Priorizamos neste projeto especial de ação as publicações: Povos Migrantes, Povos indígenas, Educação Antirracista). Neste contexto de estudo e pesquisas conheci as cinco obras que fazem parte da coleção 'De cá, lá e acolá, da Saíra editorial.

Nos encontros do PEA as professoras leram os livros: **Sobre Lhamas, Choclos e Montanhas**, **Elena e as Palavras**, **As Aventuras de Nala**, **Huáscar e seus cabelos e as raízes**, **Um feijão diferente** e diante da aceitação que elas demonstravam para o material, fui propondo que elas realizassem a escolha de um dos livros, pensassem numa das crianças da turma, cuja família é migrante:



A partir daí as professoras convidavam uma pessoa da família desta criança para ler o livro a toda turma; e ele era entregue com antecedência, para que fosse possível à família conhecer previamente a obra. Por se tratar de publicações bilíngues, a roda de história era feita à duas vozes: em português pela professora e em espanhol pela família migrante.



Momento da leitura do livro *Sobre Lhamas, Choclos e Montanhas*, da autora Sandra Morales e Karla Lorena

As turmas que, até o momento, vivenciaram esta experiência revelaram que o respeito à diversidade é aprendido na escuta e valorização das diferenças.

O compromisso assumido da família migrante, que aceitou o convite da professora, permitiu a aproximação entre ambas, não só no momento da leitura, mas se constituiu num canal de comunicação em que a língua materna não se apresenta como barreira, mas como aprendizado mútuo. É fundamental conhecer para valorizar.

Quando as portas das salas de referência da EMEI PIXINGUINHA se abriram para as famílias migrantes, através das obras bilíngues, foi possível vivenciar o desafio de acolhê-las com respeito e desejo de obter novos aprendizados, pois em cada leitura foi apresentada a interculturalidade de crianças migrantes e filhas e filhos de migrantes que vivem no Brasil.

Mais que a diversidade cultural, as leituras bilíngues possibilitam à toda comunidade escolar aprender com trocas mais humanas, carregadas de pequenos e importantes aspectos do cotidiano pedagógico da educação infantil: escuta atenta e acolhimento como método.

Por fim, e não menos importante, vale destacar a importância de a equipe escolar envolver-se e assumir propostas que combatam a xenofobia. À cada profissional da EMEI Pixinguinha cabe o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido e a certeza de que ‘uma andorinha só não faz verão’.



Momento de leitura com as famílias

RELATO

PRINCIPIA - A TEIA DO AMOR, RESPEITO, SOLIDARIEDADE E DIVERSIDADE

EMEI João Mendonça Falcão

Débora Miam e Yasmin Rodrigues
Professoras da Educação Infantil



*Tudo que bate é tambor
Todo tambor vem de lá
Se o coração é o senhor, tudo é África
Pôs em prática, essa tática, matemática falou
Enquanto a terra não for livre, eu também não sou
Enquanto ancestral de quem 'tá por vir, eu vou
Jantar com as menina' enquanto germina o amor
É empírico, meio onírico, meio pírico, meu espírito
Quer que eu tire de tu dor*

Trecho da música Principia do cantor Emicida

Inspirado pela potência da música "Principia", de Emicida, que traz em seus versos a mensagem de que "um sorriso ainda é a única língua que todos entende", nasceu o projeto "Principia – A Teia do Amor, Respeito, Solidariedade e Diversidade". Idealizado pelas professoras Débora Miam e Yasmin Rodrigues, o projeto surgiu da necessidade urgente de acolher e integrar as crianças migrantes e descendentes, muitas delas enfrentando barreiras linguísticas e culturais significativas dentro e fora do contexto escolar. A EMEI João Mendonça Falcão, localizada no Brás, em São Paulo, é um espaço onde convergem tradições e histórias de diferentes partes do mundo, especialmente da América do Sul e da África. Nesse contexto, criar uma experiência que promovesse a empatia e a união por meio da arte e da música se tornou uma prioridade para as educadoras.

A ideia central do projeto foi transformar a dificuldade de comunicação em oportunidades de expressão afetiva e de construção de vínculos. Com a certeza de que o sorriso é uma linguagem universal que atravessa fronteiras, Débora e Yasmin propuseram atividades que incentivassem a solidariedade, o respeito e a valorização das diversas culturas presentes na escola. Durante a realização das vivências, a música "Principia" foi frequentemente pano de fundo, sendo discutida e cantada nas rodas de conversa.

As crianças se envolveram profundamente, aprendendo a cantar e até criando uma coreografia que será apresentada em um vídeo ao final do ano para a comunidade escolar. Esse processo não apenas estimulou a expressão artística e a autoconfiança das crianças, mas também reforçou a interiorização dos valores essenciais que a música carrega. Palavras como amor, amizade, respeito, gentileza e sorriso foram amplamente trabalhadas, explorando seus significados e importância em um contexto lúdico e educativo, com o letramento infantil integrado ao projeto de maneira natural e efetiva, garantindo que o aprendizado das letras e das palavras ocorresse de forma significativa e ligada às experiências cotidianas das crianças.



Atividade do Projeto, realizada pelas estudantes da turma

Uma das vivências foi a criação do painel de sorrisos em torno de um grande mapa mundi. As fotos dos sorrisos das crianças foram dispostas ao redor do mapa, que também continha as digitais dos pequenos espalhadas pelos territórios representando suas origens e as de suas famílias. Esse projeto visual foi exposto no “Dia da Família na Escola”, um evento marcante que trouxe pais e responsáveis à escola para celebrar a diversidade e reforçar a mensagem de que a música e o sorriso são instrumentos poderosos de conexão.



Painel de sorrisos

As palavras e conceitos trabalhados durante o projeto foram continuamente revisitados, promovendo um ambiente onde as crianças podiam relacionar os significados de respeito e amizade com as atividades práticas que realizavam.

Por fim, o “Dia do Abraço” se destacou como uma das iniciativas mais afetuosas do projeto. Equipadas com placas de “abraços grátis”, as crianças caminharam pelos corredores da escola, distribuindo abraços calorosos a colegas, professores e funcionários. Esse gesto simples, mas de grande impacto, ressoou em todo o ambiente escolar, espalhando sorrisos e promovendo um senso de comunidade e acolhimento que transcendeu as barreiras entre salas e faixas etárias. Essa vivência reforçou a importância da gentileza e do afeto como pilares de convivência.



O projeto “Principia” provou que a prática educativa precisa ser mais do que apenas ensinar; deve acolher, reconhecer e celebrar as vivências de cada criança e suas famílias. A música, a arte e os gestos de afeto foram os fios que teceram essa experiência, transformando o cotidiano da escola em um espaço onde todos se sentem vistos e valorizados. A jornada educativa que iniciamos com esse projeto segue em constante reconstrução, porque entendemos que cada sorriso, cada abraço e cada olhar são parte de um processo contínuo e dinâmico de aprendizado e crescimento. Este projeto não tem um fim, mas sim uma promessa de continuidade, adaptando-se aos desafios e às vozes das crianças que conduzem e enriquecem essa teia viva de amor, respeito e solidariedade.

ANEXOS

Pontos principais do acolhimento dos (as) estudantes e crianças migrantes debatidos nos encontros do GT.

- Placas com diferentes idiomas nas unidades para identificação dos locais; ([clique aqui](#))
- Garantia de matrícula mesmo para estudantes não documentados;
- Fichas de matrícula e saúde em diferentes idiomas; ([clique aqui](#))
- Formação com os educadores da unidade, principalmente funcionários da secretaria sobre a temática migrante e uso de aplicativos de comunicação; ([clique aqui](#))
- Adequar o cardápio semanal e publicar em diversos idiomas; (acesse [aqui](#) o currículo Educação alimentar e nutricional, pg. 120)
- Mapeamento sociocultural dos estudantes;
- Guia do território com contato e localização dos mais diversos equipamentos, além de um guia da unidade com informações básicas, horários, etc, em diversos idiomas;
- Bilhetes, comunicados, encaminhamentos, etc, feitos em diversos idiomas de acordo com a nacionalidade dos estudantes;
- Planejamento do trabalho docente e disposição das salas para que esses estudantes não se isolem;
- Movimento de escuta com estudantes e famílias para que entendam o funcionamento da unidade;
- Criação de formas de comunicação entre os estudantes, para que se auxiliem nessa adaptação (comitês, intérpretes, etc);
- Tratar a temática da mobilidade humana e migração no PPP e nos horários de estudo e formação;
- Promover eventos buscando a participação das famílias migrantes e elementos de suas culturas;
- Promover uma educação decolonial onde a cultura de diferentes povos seja narrada e a partir de suas perspectivas.



Questionários Socioculturais

Reconhecer e valorizar as diferenças é fundamental para o acolhimento e aprendizagem dos estudantes. Para isso, é necessário conhecê-los.

Durante muito tempo utilizamos apenas questionários socioeconômicos que visavam conhecer mais as condições de vida dos estudantes do que saber sobre os mesmos de fato e com isso trazendo generalizações muito preconceituosas em nossos documentos.

Quando falamos de valorizar a cultura dos nossos estudantes e trabalhar a partir de suas histórias e vivências, estamos falando de conhecer seus hábitos, gostos e modo de vida. Isso tudo é ainda mais importante quando estamos falando das crianças migrantes, que trazem diferentes costumes dentro de suas bagagens. Conhecer mais a fundo esses estudantes e suas famílias é fundamental para o acolhimento das mesmas, a preparação das unidades escolares, e para trazer as suas culturas dentro dos nossos planejamentos, além disso, é fundamental para respeitá-las, suas religiões, hábitos, alimentação e combater preconceitos.

Por isso, sugerimos que as unidades realizem um novo tipo de questionário, que pode ser enviado para as famílias via Whatsapp, impresso, ou de outras formas. A ideia é que as unidades conheçam de fato seus estudantes e que utilizem as informações para debater entre os educadores, planejar e traçar um novo perfil necessário para a unidade, seu PPP e o planejamento docente.

Deixamos como exemplo um modelo básico, em diversos idiomas, utilizado pela EMEF Espaço de Bitita e modificado pela DIPED- PE. A unidade poderá utilizar o mesmo modelo, é só criar uma cópia do mesmo, podendo adequá-lo para as suas necessidades.





DRE PENHA